

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA - SOL**



Emmanuel de Nazareth Brasil

Migração Síria Contemporânea: Da partida a (Re)Inserção

BRASÍLIA-DF, 2017
Emmanuel de Nazareth Brasil

Migração Síria Contemporânea: Da Partida a Re(Inserção)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Delia Dutra

Brasília-DF, 2017

Emmanuel de Nazareth Brasil

Migração Síria Contemporânea: Da Partida a (Re)Inserção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Brasília – DF, 11 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Delia Dutra

Departamento de Estudos Latino Americanos – ELA (Orientadora)

Prof. Dra. Christiane Coelho

Departamento de Sociologia – SOL (Avaliadora)

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti

Departamento de Estudos Latino Americanos – ELA (Avaliador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois eu sei que todos os acontecimentos na minha vida são guiados por Ele, e sem Ele não teria alcançado nada. Aos meus pais por todo incentivo, por acreditarem em mim. O olhar de orgulho de vocês me dá forças para acreditar e batalhar por tudo. Sem o esforço de vocês em me conceder a oportunidade de estudar, eu não seria metade do que sou hoje. Agradeço também ao meu irmão Luis Filipe por todo conselho, paciência, e incentivo dado. E pelas leituras incessantes. A minha noiva e amor da minha vida, Marianna. Obrigado por acreditar em mim, por ter tido paciência. Obrigado por toda dedicação, amor e carinho sempre. Pelo nosso futuro eu procuro vencer cada obstáculo.

As minhas amigas de curso Jordana, Letícia, Raíla e Fernando por terem tornado esses quatro anos mais fáceis e divertidos.

Agradeço em especial a professora Christiane Coelho, por todo conhecimento compartilhado nestes quatro anos. Obrigado pela paciência e pela humanidade presente nos seus gestos. Agradeço as professoras Elaine Vilela e Ana Cristina Collares, por toda cooperação, dicas, e contribuições para este trabalho.

Ao professor Leonardo Cavalcanti por ter acreditado no meu trabalho, pelas oportunidades e por todo o ensinamento contínuo. A toda equipe do OBMigra, e em especial ao Tadeu, Felipe, Paulo, Bruno e Ailton. Obrigado por me ajudarem, me auxiliarem e me ensinarem. Este trabalho tem muito de todos vocês.

A minha colega de trabalho e amiga, Dina Araujo. Este trabalho também é seu. Obrigado por pensar comigo, por acreditar no meu potencial e pelas ideias espalhadas ao longo deste trabalho.

E por fim, agradeço a minha orientadora Delia Dutra. Obrigado por estes quatro anos. Obrigado por ser a pessoa mais incrível que eu conheci na academia. Obrigado por ser tão humana, tão generosa e tão disponível. Essa jornada compartilhando não só conquistas acadêmicas, mas também compartilhando alegrias, ansiedades e medos vai ficar marcada na minha vida e a senhora tem grande participação nisso. Obrigado por acreditar em mim, por confiar em mim e por todas as palavras animadoras ao longo destes quatro anos.

RESUMO

A guerra civil na Síria tem ocupado grande espaço nos veículos midiáticos. A crise teve início com as manifestações contra o governo sírio, em 2011, durante a Primavera Árabe. As divisões entre grupos étnicos, e combatentes islâmicos x seculares, coloca a política do conflito em uma situação ainda mais complicada. Este trabalho tem como objetivo buscar compreender a situação do novo fluxo migratório entre Síria e Brasil, e como estes imigrantes se inserem no mercado formal de trabalho e se integram culturalmente na sociedade. Ao mesmo tempo em que buscamos fazer uma contextualização histórica do fluxo sírio para o Brasil.

Palavras chaves:

Migrações; refúgio; sírios; sociologia das migrações; sociologia urbana; Brasília.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Capítulo 1: O Brasil já foi destino: Contextualização histórica da emigração síria para o Brasil	9
1.1 O Mundo Árabe: Breve descrição	9
1.2 A Emigração síria	11
1.3 Fatores Políticos-religiosos.....	11
1.4 Fatores econômicos.....	13
1.5 Fatores Mistos.....	14
1.6 Rotas migratórias	15
1.7 O Brasil como destino.....	16
1.8 A inserção laboral	24
Capítulo 2: O Brasil é destino: Contextualização do conflito armado e descrição do perfil da migração síria contemporânea	27
2.1 Contextualização do conflito	27
2.1.1 HAFEZ al-ASSAD 1971 – 2000.....	27
2.1.2 BASHAR al-ASSAD 2000 -	30
2.1.3 Primavera Árabe.....	33
2.2 Brasil: País de destino.....	39
2.2.1 Dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE).....	39
2.2.2 Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (Sincre).....	41
2.2.3 Resumo do perfil: Imigrantes sírios contemporâneos	51
Capítulo 3: Onde estão? Uma análise da movimentação de trabalhadores imigrantes sírios no mercado de trabalho formal brasileiro.....	52
3.1 A movimentação de trabalhadores sírios	52
Capítulo 4: Migração síria contemporânea em contexto urbano: Integração sociocultural	64
4.1 – Introdução ao capítulo	64
4.2 - ... a (re) inserção: Uma breve revisão teórica	65

4.2 - Por que o Brasil?	66
4.2 - Migrações forçadas? O ser (<i>verb.</i>) refugiado no Brasil.....	67
4.2 – Cenário ou atuante? O papel das cidades de Brasília e Belo Horizonte na inserção destes migrantes	69
4.2 – Entre lá e aqui: “O indivíduo marginal e o hibridismo cultural”	71
Capítulo 5: Considerações Finais	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

INTRODUÇÃO

Durante as duas últimas décadas do século XIX, o Brasil passa a receber um novo fluxo migratório composto pelos nacionais da Síria. O descontentamento com os decretos restritivos no que tangia a liberdade dos indivíduos, assim como a imposição do serviço militar, conflitos religiosos, pestes e doenças, foram apontados como fatores motivadores para a evasão síria na época (VILELA, 2002).

Segundo Truzzi (1997), a entrada de imigrantes sírios começou a ganhar volume na virada do século XX, atingindo seu ápice antes da Primeira Guerra Mundial. Contabilizando sírios e libaneses conjuntamente, em 1913 foram registradas 11.101 entradas. Nos anos 20, o número de entradas se estabiliza na faixa de 5.000 registros anuais, vindo a abrandar durante o sistema de cotas adotado pelo governo brasileiro, em 1934. No Brasil, durante muito tempo as estatísticas encaixavam imigrantes oriundos do Oriente Médio na categoria “outras nacionalidades”, sendo o Estado de São Paulo o primeiro local a registrar categorias como turcos, turcos-asiáticos, libaneses e sírios.

Estes primeiros sírios que desembarcaram no país ficaram conhecidos como mascates, devido ao trabalho de caixeiros-viajantes que desempenhavam, levando mercadorias a terras muitas vezes longínquas. Tempos depois muitos destes passaram a trabalhar no comércio popular, e em seguida nas indústrias (VILELA, 2002).

Após o arrefecimento da migração síria para o Brasil, o país volta a ser destino deste coletivo a partir de 2011, logo após a eclosão da guerra civil que perdura até os dias atuais. A guerra civil na Síria tem ocupado grande espaço nos veículos midiáticos. A crise teve início com as manifestações contra o governo sírio, em 2011, durante a Primavera Árabe. Os protestos perderam o tom pacífico de suas gênesis quando o governo respondeu de forma violenta e repressora. Rebeldes e desertores do exército resolveram lutar contra o regime, inclusive, criando seu próprio exército, denominado de “Exército Livre da Síria”. Além disto, as divisões entre grupos étnicos, e combatentes islâmicos x seculares, coloca a política do conflito em uma situação ainda mais complicada.

Estima-se que a guerra já matou mais de 220 mil pessoas, e acredita-se que metade seriam civis. Com os incessantes bombardeios, casas estão sendo destruídas, e até mesmo cidades populosas. Necessidades básicas relacionadas à comida e a saúde estão escassas. Os números

apontam para um deslocamento interno de 7,6 milhões de pessoas, e quatro milhões cruzaram as fronteiras do país.

Este trabalho tem como problema de pesquisa compreender a situação do novo fluxo migratório entre Síria e Brasil, e como estes imigrantes se inserem no mercado formal de trabalho e se integram culturalmente na sociedade.

Capítulo 1: O Brasil já foi destino: Contextualização histórica da emigração síria para o Brasil

1.1 O Mundo Árabe: Breve descrição

O domínio do Império Otomano sobre o território da Síria estendeu-se durante quatro séculos, tendo início no ano de 1516 e sua derrocada logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Até o século XIX, os europeus denominavam de Oriente todas as terras que compunham o Império Otomano. Com a inclusão da China na rota de negócios da Europa, o território otomano foi denominado como Oriente Próximo. O conceito de Oriente Médio foi introduzido pelos ingleses, logo no princípio do século XX, e abrangia a região do Mar Vermelho até o Império Britânico das Índias. Após a queda do Império Otomano, a denominação Oriente Médio foi estendida a todos os países árabes (VILELA, 2002, p.18).

Privilegiado pela localização geográfica, o Oriente Médio possui uma extensa área que encontra-se localizada num espaço desértico, e que faz fronteira com três regiões férteis: Europa, África tropical e Oriente Asiático. Tal localização deu ao mundo árabe, durante muito tempo, o monopólio das rotas comerciais terrestres.

Truzzi (2005) aponta para o risco em tratar da cultura árabe como algo unitário, e ignorar as diferentes segmentações com características bastante singulares de cada território, tanto no caráter geográfico quanto histórico. Na época da emigração na qual propomos estudar neste capítulo, a religião professada e a região/aldeia de origem constituía elemento de identificação de um povo muito mais forte do que o conceito de estado-nação. De acordo com Vilela (2002), é mais comum utilizar o critério político de definição do que é um mundo árabe. Segundo a definição adotada pela autora, os países árabes dentro do critério político são:

“...territórios nacionais membros da Liga dos Estados Árabes. Contudo, são em geral países que têm como língua predominante e oficial o árabe, o Islã como religião dominante e uma história comum de invasões e conquistas por vários povos”(VILELA, 2002, p. 20).

O Islamismo, Judaísmo e Cristianismo tiveram como berço em comum a região do Oriente Próximo, e como já salientado, a religião a qual o indivíduo professa é de caráter fundamental para a criação de laços de união, assim como os de segregação, desempenhando um fator importante de elaboração de identidade.

“(...) A religião sempre foi, e continua a ser no Oriente Médio, o elemento principal para conglomerar os seres humanos, mais importante que pátria, raça, língua, cultura, classe social, ideologia política. ” (CHALLITA, 1990, p. apud 42 VILELA, 2000, p.25)

Ao longo do período de governo do Império Otomano, discordâncias religiosas foram motrizes geradoras de vários conflitos, que no final sempre favoreciam a dominação política da Turquia. Um dos principais conflitos religiosos ocorreu em 1860, que gerou um massacre de cristãos maronitas pelos drusos, com ajuda dos turcos. O início da série de desentendimentos entre os dois seguimentos religiosos iniciou-se em 1842, e eclodiu num intenso conflito em 1860, que resultou na mortandade de maronitas que habitavam principalmente o território da Síria e do Líbano. De acordo com Vilela (2002), durante o conflito os turcos acolhiam os cristãos que estavam fugindo da feroz perseguição drusa, ali os desarmavam e os deixavam nas mãos dos mulçumanos que habitavam nas localidades.

Durante os conflitos da Primeira Guerra Mundial, os países árabes resolveram estabelecer alianças com a França e Grã-Bretanha, que em troca prometeram dar a estes países a independência, o apoio e a neutralidade no conflito. Com o fim da guerra e o desmantelamento do Império Turco-Otomano, os nacionalistas árabes perceberam que foram enganados quanto a promessa de sua independência. A França e Grã-Bretanha, já tinha estabelecido um acordo, chamado de *Acordo de Sykes e Picot*, onde estas dividiam entre si as terras do Oriente Médio. O domínio destes países europeus levou a uma divisão dos territórios árabes e um delineamento das fronteiras dos países. Os árabes deram prosseguimento à luta pela independência, agora não mais em relação ao governo otomano, mas sim das potências europeias. A luta pela independência da França gerou na Síria grandes conflitos, que foram violentamente respondidos com bombas pelas tropas francesas. Foi somente a partir da Segunda Guerra Mundial que o movimento nacionalista da Síria conseguiu tomar o poder, e expulsar os franceses de seu território, mais precisamente na data de 17 de abril de 1946.

Inúmeros golpes militares aconteceram no país, sendo que a efetivação de uma República não tornou a política da Síria mais estável. Por ser um país com a maioria praticamente da religião muçumana, ficou decidido que o governo do país deveria estar sempre nas mãos dos muçumanos (VILELA, 2002, p. 40, 41, 42).

1.2 A Emigração síria

Entre 1850 a 1930, uma grande quantidade de sírios, em sua maioria cristãos, emigrou de seu país de origem em busca de oportunidades melhores em outros territórios. Com predominante característica urbana, a emigração síria formou importantes colônias nas grandes cidades, assim como também era possível encontrar grupos pequenos nas cidades menores. Knowlton (1961) define como itens motivadores da emigração síria desta época os seguintes fatores: político-religiosos, econômicos e mistos. Segundo o autor, os fatores políticos e religiosos na época em questão estavam intimamente ligados, sendo difícil a realização de uma análise separada.

Até o início do século XIX, a Síria – que até então fazia parte do Império Turco Otomano – era considerado um país feudal. Antes do século XVII, cabia aos senhores feudais o fornecimento de serviço militar ao Sultão da Turquia, em troca da custódia das terras. Após este século, há uma substituição do serviço militar pelo pagamento de impostos. De acordo com Knowlton (1961), a hierarquia era encabeçada pela Coroa Turca, que cobrava do chefe da província um valor anual. Este ganhava o direito de extorquir da população o quanto bem entendesse. Abaixo do chefe da província estavam os donos dos feudos, que recolhiam tributos de distrito menores. A base desta estrutura feudal era formada pelos servos da gleba. Estes sofriam com os tributos e as obrigações junto a seus senhores, além de serem os mais prejudicados pelas extorsões e estarem sujeitos ao serviço militar obrigatório quando convocados.

1.3 Fatores Políticos-religiosos

Durante o Império Turco Otomano, mais precisamente até o século XIX, os cristãos eram os que mais sofriam restrições, ofensas e massacres, além de lhes serem atribuídas as camadas mais inferiores dentro do sistema social e político do império. Este fato perdura até Ibrahim Pachá, conhecido como modernizador do Egito e filho de Muhammad Ali, invadir as terras da Síria em 1831. Dentro das mudanças realizadas pelo atual governo foi estabelecida a tolerância religiosa, sendo que neste período muitos missionários estrangeiros foram

convidados a entrarem no país. Ao entrarem no país estes missionários colaboraram na criação de escolas, assim como também serviram de ponte entre os nativos cristãos e a cultura ocidental, o que indiretamente, segundo Knowlton (1961), fomentou um estímulo à emigração para terras cristãs. Porém, é importante destacar que a abertura religiosa não foi pacífica, gerando conflitos e massacres mútuos.

A queda do governo egípcio trouxe à tona a hostilidade existente entre os cristãos, os muçumanos e drusos, que durante a ocupação de Ibrahim Pachá tinham ganhado contornos de igualdade. Em 1860, eclodiu uma luta generalizada entre maronitas e drusos. Este segundo grupo religioso possuía melhores armamentos, além do apoio das autoridades turcas. O resultado deste embate, segundo Knowlton (1961), foi um grande massacre de cristãos, tanto em território Sírio, quanto no Líbano. Estima-se que ao menos 10 mil cristãos morreram antes do término da batalha. Dentre aqueles que conseguiram fugir durante o conflito, grande parte refugiou-se em Beirute. Na cidade receberam ajuda dos missionários ingleses e norte-americanos, que formaram a Comissão Anglo-Americana, comissão esta que administrava os recursos enviados pela Inglaterra e pelos Estados Unidos em apoio aos refugiados.

Após o término do conflito, os refugiados aos poucos foram voltando para suas terras, que encontravam-se devastadas. Knowlton (1961) conta que as terras maronitas foram divididas em secções, tendo em cada uma um missionário norte-americano responsável, que visitava todos os habitantes numa determinada frequência de tempo, e também levava auxílios para distribuição. Todo este recurso, material e humano, oferecido pelos missionários norte-americanos, gerou uma impressão de riqueza nos sírios a respeito das terras da América do Norte.

Após o massacre de 1860, algumas mudanças foram feitas no que tangia as instituições sociais, políticas e religiosas da Síria, sendo a principal delas o fim do isolamento dos cristãos nativos (KNOWLTON, 1961, p. 21). Os relatórios feitos pelos missionários e correspondentes de veículos de informação estrangeiros sobre as condições na qual estavam submetidos os cristãos, sensibilizaram as pessoas que moravam na América e na Europa, ocasionando novas missões das mais variadas denominações cristãs. Porém, a mais notória mudança foi a intervenção da Inglaterra, França e outros países europeus na política dos países daquela região, o que incluía a Síria. Os cristãos não conseguiam mais acreditar na capacidade de autoproteção, consideravam serem vítimas de um novo massacre a qualquer

momento, já que para eles suas vidas e bens estavam nas mãos dos mulçumanos (KNOWLTON, 1961, p. 21).

Segundo Knowlton (1961), alguns sírios cristãos temendo a eminência de um novo massacre solicitaram proteção para a França. Outros encontraram na emigração uma saída para viver em paz. No decorrer do confronto muitos sírios emigraram para o Chipre e para o Egito. Chipre se tornou viável para os cristãos, principalmente, após a domínio inglesa na ilha. Já o Egito, passava por uma fase próspera de mudanças sociais e econômicas, oferecendo amplas oportunidades aos emigrantes.

Até 1909 os cristãos estavam isentos do alistamento militar. O motivo era simples: os mulçumanos não queriam armá-los, nem conferi-los tal honraria. Porém, entre o final do século XIX e o início do século XX, o Império Otomano enfrenta uma forte crise militar e política, que por consequência, acarreta mudanças na conscrição, que passa a ser universal, ou seja, acoplado todas as denominações religiosas. O descortês modo pela qual os cristãos alistados passaram a ser tratados culminou numa forte emigração destes, que passaram a fugir do serviço militar (KNOWLTON, 1961, p. 23).

Com a queda do Império Otomano durante a Primeira Guerra Mundial, a França passa a deter o domínio sobre o território sírio. A emigração cessa neste período. Após o fim da guerra, os sírios decidiram aguardar para verem o desdobramento do acontecimento. Ao entenderem que a independência lhes seria novamente negada, houve uma forte onda emigratória. Aqueles que já haviam emigrado e resolveram retornar para sondar a situação social e política do país, se depararam com uma situação insatisfatória promovida pelo governo francês, decidindo voltar para o país de emigração. Estes escreveram relatórios a seus compatriotas, estimulando-os a não voltarem para as terras sírias.

1.4 Fatores econômicos

O século XIX na Síria é marcado por uma derrocada econômica, agravada pela intensificação do banditismo e pelas extorsões de impostos. De acordo com Knowlton (1961), a maior parte dos bandidos e dos cobradores de impostos eram mulçumanos, sendo os cristãos os que mais sofriam com estes males. Ainda de acordo com o autor, a pressão demográfica, a erosão no solo, o declínio das indústrias tradicionais e a falta de oportunidades econômicas foram fatores importantes que influenciaram diretamente na escolha pela emigração.

A onda de violência e a insegurança gerada pelo banditismo levaram muitos cristãos a emigrarem de suas terras em busca de lugares mais pacíficos. O banditismo era uma ocupação tradicional na Síria, estes extorquiam dinheiro e bens dos moradores, agindo tanto em grupo quanto isoladamente.

A Síria também foi marcada por epidemias e pestes, como por exemplo, o surto de cólera ocorrido no ano de 1875, que assolou a cidade de Damasco, atual capital da Síria. Tais problemas instauravam pânico geral na população, e aqueles que podiam, recorriam a emigração como fuga destes males. Muitos destes acabavam por sair do país portando alguns vírus ou bactérias.

As indústrias tradicionais, como os fabricantes de seda e vinho, passaram por uma grave crise que foi agravada com o fim do comércio de caravanas pelas rotas do país. A abertura do Canal de Suez introduziu a seda japonesa no mercado local, cujo baixo custo de venda afetou diretamente os fabricantes tradicionais do produto. A criação acarretou o fim do comércio das caravanas, nas quais a maioria dos mercadores eram cristãos. A fabricação de uvas, mais uma ocupação cristã, foi afetada e desmantelada graças a invasão de filoxera.

Muitos lavradores e comerciantes, principalmente homens, optaram por emigrar para locais com melhores condições, com finalidade de ganhar dinheiro no exterior para ajudar as famílias e parentes que ficaram nas regiões afetadas.

1.5 Fatores Mistos

Um personagem importante no fomento da emigração síria desta época é o agente de passagem. Este, normalmente, era o imigrante retornado, que ao voltar para o país de origem fazia comícios pelas ruas, enaltecendo as oportunidades que havia no exterior, principalmente o retorno financeiro que poderia se obter exercendo a profissão de mascate. Após convencer as pessoas, estes aceitavam depósitos para compra das passagens. Outra figura importante que instigou o aumento da emigração síria foi o agiota, que emprestava dinheiro para a compra das passagens a juros exacerbados, garantindo por hipotecas sobre propriedades. Muitas vezes os líderes de aldeia faziam parte do esquema, convencendo integrantes de seu povoado a emigrarem através de algum agente de passagem ou agiota que lhe garantisse um valor por cada membro que partisse de sua vila (KNOWLTON, 1961, p.26, 27).

Havia também o caso de pessoas que já tinham emigrado para as Américas, e voltavam para recrutar novos migrantes. Estes ficavam responsáveis por um determinado grupo, provendo o necessário para a realização do fluxo migratório. Recebiam comissões dos hotéis em que hospedavam os migrantes durante a viagem, das companhias de passagem e até de armazéns. Estes também emprestavam dinheiro para aqueles que desejavam migrar, mas não tinham condições. Ao desembarcarem nas Américas, estes migrantes trabalhariam para o guia a fim de saldar a dívida contraída (KNOWLTON, 1961, p.27).

Um grupo com menor contingente de emigrantes, mas cujos membros exerceram grande importância na formação das colônias no país de origem, foram os conspiradores contra o governo turco. Uma vez descobertos, estes buscavam emigrar para algum país que os acolhessem (KNOWLTON, 1961, p.28).

1.6 Rotas migratórias

Os navios que saíam da Síria levando migrantes, tinham como primeiro destino os portos de Gênova, Marselha, Alexandria e outros. Ao desembarcarem, estes hospedavam-se em hotéis e pensões a espera da chegada de um novo barco que os levariam para o país de destino. A espera poderia durar de semanas até meses, e os emigrantes aproveitavam este tempo para trocarem informação com as outras pessoas que ali estavam sobre os países a qual estavam indo. Os emigrantes retornados também exerciam grande influência ao informar suas experiências, muitas vezes motivando uma mudança de rota.

Muitas colônias de sírios foram formadas nas cidades portuárias do Mediterrâneo. Alguns conseguiam trabalho como intérpretes, mensageiros ou mercadores. Os mascates sírios adentravam o território europeu carregando pacotes de mercadoria. Muitos conseguiam acumular capital para se estabelecer nestas cidades, e outros utilizavam o dinheiro conseguido para iniciar a vida com mais tranquilidade no país de destino. Havia também aqueles que eram contratados pelas agências de viagens para se passarem por migrantes retornados com intuito de persuadir os conterrâneos a mudarem de destino. Muito frequentemente estes emigrantes eram convencidos a trocar as passagens compradas na Síria por outras mais baratas. Emigrantes que pretendiam seguir para os Estados Unidos trocavam sua rota e seguiam rumo ao Brasil ou a Argentina, por exemplo. Explorados das mais diversas formas, estes emigrantes costumavam deixar todo dinheiro que tinham nos portos antes mesmo de pisar no território escolhido (KNOWLTON, 1961, p. 28, 29).

1.7 O Brasil como destino

Estudiosos da imigração histórica no Brasil apontam para três fases motivadoras na qual o país passou, que fomentaram a chegada de estrangeiros no território brasileiro. A primeira, que durou entre 1820 até o final do século XIX, remete a oferta de pequenas propriedades rurais para imigrantes, o intuito era procurar um equilíbrio com o regime latifundiário vigente no país da época. A segunda força motivadora compreende a fase pós-abolição da escravatura, onde há necessidade de trabalhadores rurais fez com que fazendeiros e o governo brasileiro importassem mão-de-obra estrangeira. A terceira força motivadora, e a última a ser tratada neste trabalho, foi desencadeada pela necessidade de operários para trabalharem nas indústrias que estavam sendo criadas no país após a Primeira e Segunda Guerra Mundial. A falta de trabalhadores locais que pudessem suprir tanto as necessidades do setor agrícola quanto do setor industrial, fizeram com que a busca por imigrantes se perpetuasse e intensificasse por mais tempo. Entretanto, a grande maioria dos sírios que aqui chegaram neste período, procurou se alojar nos centros urbanos, desenvolver atividades comerciais e também trabalhar nas pequenas indústrias.

De acordo com o pesquisador Clark S. Knowlton (1961), para os primeiros Sírios que desembarcaram no Brasil o país não era o principal destino. Muitos destes teriam tentado o visto para os Estados Unidos, e acabaram não conseguindo. Outros acreditavam que a entrada nos Estados Unidos seria facilitada se estes partissem do Brasil e não da Síria. Foi relatado também casos de migrantes sírios analfabetos, ou que possuíam alguma doença, que ao chegarem em território estadunidense não puderam entrar, sendo exigido que as companhias de viagens os levassem de volta para Síria. Muitas destas companhias levaram estes migrantes em direção ao Brasil, afirmando que o território em questão também se tratava da América. Havia também aqueles migrantes que eram vítimas dos donos das linhas de navegação, onde durante o embarque prometiam leva-los para a América, porém o desembarque era feito nos portos do Rio de Janeiro ou de Santos, os imigrantes que ali chegavam acreditavam estar em terras norte-americanas.

Outro fator importante na atração de sírios para o Brasil foram as redes estabelecidas. Muitos vieram por terem parentes ou conhecidos no Brasil, e estes escreviam sobre os feitos, conquistas e condições da terra, sendo que alguns mandavam buscar na Síria pessoas para ajuda-los nos negócios nas novas terras.

A imprecisão dos dados a respeito dos movimentos migratórios para o Brasil nesta época não está somente ligada a falhas na coleta estatística, e segundo Knowlton (1961), também é fruto de uma mutável definição a respeito do que poderia ser considerado um imigrante.

Até 1934, entendia-se, juridicamente, como imigrante todo aquele que desembarcava na terceira classe dos navios. Os que viajavam na primeira e segunda classe eram considerados turistas ou viajantes, e por consequência, não eram registrados. De acordo com Knowlton (1961), este elemento levou a diversos erros nas estatísticas a respeito da imigração, porém, o coletivo sírio pode não ter sido tão afetado, pois a maioria destes vinha realmente na terceira classe das embarcações.

A partir de 1934, o termo imigrante passa por uma redefinição. Segundo as autoridades, imigrantes seriam aqueles que entraram no Brasil para o exercício de uma profissão por mais de 30 dias. Entretanto, esta classificação não se mostrou satisfatória, já que haviam imigrantes que ao entrar no país possuíam contrato para mais de 30 dias, porém ao fim deste contrato, estes retornavam aos seus países. O que levou em 1938, há uma nova revisão da lei. Nesta revisão os termos imigrantes e não imigrantes foram suprimidos, passando-se a adotar os termos permanentes e temporários. Era classificado como permanente todo aquele que pretendia estabelecer um lar de forma definitiva no país, e todos os outros classificados como temporários (KNOWLTON, 1961, p. 36).

As estatísticas sobre imigração no país, oferecidas pelo Governo Federal, divergem de outras fornecidas pelas agências governamentais da época. Segundo Knowlton (1961), o censo de 1876 já mencionava a presença de três turcos no país. De acordo com o Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, de 1945, os primeiros sírios pisaram em terras brasileiras em 1871. Vale salientar que até 1892, os imigrantes do Levante no Brasil eram classificados como turcos, a partir desta data os sírios foram os primeiros a terem classificação própria. Knowlton (1961) destaca que grande maioria dos imigrantes registrados como turcos, antes e depois de 1892, eram sírios ou libaneses.

Coube aos primeiros imigrantes sírios no Brasil, chamados de “escoteiros”, o papel de fazer o reconhecimento do terreno com o intuito de enviar para as pessoas de seu país de origem os primeiros relatos, que influenciariam ou não a vinda das próximas gerações. De

acordo com Knowlton (1961), foram as cartas e as remessas enviadas para parentes e amigos os principais fatores que levaram a uma nova leva de sírios a buscarem destino no Brasil.

Destacamos, mais uma vez, a deficiência na contagem estatística a respeito das entradas de imigrantes em território nacional. Ao tratarmos especificamente do caso dos sírios, podemos acrescentar outros fatores que dificultam a mensuração, tais como: muitos sírios foram contabilizados como turcos, ou turco-árabe; alguns sírios optaram por uma primeira migração para países como Armênia, Marrocos e Argélia, e ao chegarem no Brasil acabaram sendo contabilizados como imigrantes destas nacionalidades; outro fator que é importante destacar é a lei contra a emigração sancionada pelo governo Turco no começo do século XX, onde era permitida a saída de pessoas apenas para o Egito. A vinda de sírios para o Brasil das terras do Egito tornou-se uma tática, sendo que muitos destes acabaram sendo contabilizados como egípcios.

A Tabela 1, localizada logo abaixo, trata da entrada anual de sírios no Brasil, entre os anos de 1871 a 1942. A tabela original, publicada na obra de Clark S. Knowlton (1961) abrangia mais categorias de nacionalidades. Preferimos trabalhar apenas com as categorias “Turco” e “Sírio”, mesmo sabendo que podem ter existido imigrantes sírios que foram contabilizados nas categorias egípcios, armênios etc.

O fluxo migratório de sírios para o Brasil começou de forma tímida durante os vinte e cinco primeiros anos. Após o fim da proibição da emigração pelo governo turco, isto mais ou menos em 1903, as cifras de imigrantes começam a subir gradualmente. Entre os anos 1904 até 1907 entram no Brasil uma média de 1.304 imigrantes oriundos do Império Otomano. Em 1908 tem-se um salto nos registros, passando para 4.498, sendo que deste total, 1.328 já estavam registrados como nacionais da Síria. O ápice acontece em 1913, com o registro de entrada de 11.101 imigrantes. A partir de 1914 houve uma queda drástica na quantidade de imigrantes que ingressaram em território brasileiro, muito se deve a eclosão da Primeira Guerra Mundial e necessidade de fortalecimento do exército Otomano. Entre os anos de 1930 e 1940, o governo brasileiro adotou um sistema de quotas para a imigração, o que reduziu bastante a quantidade de imigrantes entrando em território nacional. Olhando apenas para a categoria “Sírio”, o ano de 1926 apresenta o maior número de entradas, com 3.369 imigrantes.

TABELA 1: IMIGRAÇÃO ANUAL SÍRIA NO BRASIL, 1871 - 1942

ANO	Turco	Sírio	Total
1871	2	-	2
1872	-	-	0
1873	8	-	8
1874	21	-	21
1875	-	-	0
1876	-	-	0
1877	15	-	15
1878	-	-	0
1879	-	-	0
1880	6	-	6
1881	38	-	38
1882	-	-	0
1883	6	-	6
1884	16	-	16
1885	43	-	43
1886	-	-	0
1887	-	-	0
1888	-	-	0
1889	-	-	0
1890	-	-	0
1891	3	-	3
1892	-	93	93
1893	-	-	0
1894	-	-	0

1895	146	196	342
1896	19	15	34
1897	648	28	676
1898	978	104	1082
1899	1823	259	2082
1900	874	-	874
1901	781	-	781
1902	772	-	772
1903	481	-	481
1904	1097	-	1097
1905	1446	-	1446
1906	1193	-	1193
1907	1480	-	1480
1908	3170	1328	4498
1909	4027	163	4190
1910	5257	723	5980
1911	6139	958	7097
1912	7302	439	7741
1913	10886	215	11101
1914	3456	121	3577
1915	514	525	1039
1916	603	118	721
1917	259	61	320
1918	93	-	93
1919	504	10	514
1920	4854	207	5061

1921	1865	103	1968
1922	2278	-	2278
1923	4829	-	4829
1924	4078	-	4078
1925	1952	1987	3939
1926	3370	3369	6739
1927	203	3008	3211
1928	275	3127	3402
1929	80	1771	1851
1930	111	558	669
1931	69	163	232
1932	55	130	185
1933	34	151	185
1934	120	158	278
1935	51	152	203
1936	17	31	48
1937	47	109	156
1938	24	110	134
1939	12	17	29
1940	18	13	31
1941	8	16	24
1942	1	2	3
TOTAL:	78457	20538	98995

Fonte: KNOWLTON, 1961,p. 39, 40 e 41.

Os dados que serão apresentados a seguir estão disponíveis no livro “Sírios e Libaneses”, do pesquisador Clark S. Knowlton, publicado em 1961. Os dados são referentes à entrada de imigrantes sírios pelo porto de Santos, entre os anos de 1908 até 1940.

Infelizmente, as deficiências nas estatísticas disponibilizadas na época não permitem um cruzamento entre categorias, restringindo a análise ao caráter descritivo.

A imigração histórica síria é notadamente masculinizada. A Tabela 2 traz os dados disponíveis da entrada de imigrantes sírios através de um recorte de gênero, e pode-se constatar que 66% dos imigrantes que entraram no país pelo porto da cidade paulista entre os anos de 1908 até 1941 eram homens, e apenas 34% mulheres.

TABELA 2: ENTRADA DE SÍRIOS NO BRASIL PELO PORTO DE SANTOS, DE 1908 ATÉ 1941, POR SEXO

MASCULINO	11.535
FEMININO	6.071
TOTAL	17.606

Fonte: KNOWLTON, 1961, p.52.

Sabe-se que muitas famílias na Síria passaram a enviar os jovens para o Brasil, seja para auxiliar algum patriota que já se encontrava por aqui, seja para este fugir da obrigatoriedade do serviço militar, ou até mesmo para levantar um montante de dinheiro e depois retornar ao país com o intuito de fortalecer os negócios locais das famílias. Estes fatores talvez possam ajudar a explicar, mesmo que minimamente, o dado a seguir (Tabela 3), que nos mostra que mais da metade dos sírios (61%) que entraram no Brasil eram solteiros. O restante divide-se entre casados (37%) e viúvos (2%). Os homens eram os primeiros a migrar. Aqueles que eram casados e optavam pelo processo migratório, depois de estabelecidos no Brasil, mandavam buscar suas esposas e filhos para que estes ajudassem nos negócios empreendidos no novo território (TRUZZI, 2005). Esta informação nos permite inferir, vagamente, que grande parte das mulheres sírias que emigraram para o Brasil estejam alocadas na segunda variável (casadas).

TABELA 3: ENTRADA DE SÍRIOS NO BRASIL PELO PORTO DE SANTOS, DE 1908 ATÉ JUNHO DE 1941, POR ESTADO CIVIL

SOLTEIROS	10627
CASADOS	6579
VIÚVOS	400
TOTAL	17606

Fonte: KNOWLTON, 1961, p.53.

Quanto aos dados a respeito da filiação religiosa, estes mostram-se ainda mais debilitados para composição de uma análise, já que o território sírio já era marcado por uma pluralidade de crenças. Os imigrantes ingressos até 1941 eram classificados entre “católicos” (67%) e “não católicos” (33%). De acordo com Truzzi (2005), a imigração síria constituída por cristãos foi realmente predominante, entretanto, salienta que a partir dos anos cinquenta inicia-se um movimento migratório, não tão forte, de emigrantes mulçumanos.

TABELA 4: ENTRADA DE SÍRIOS NO BRASIL PELO PORTO DE SANTOS, DE 1908 ATÉ JUNHO DE 1941, POR RELIGIÃO.

CATÓLICOS	11.785
NÃO-CATÓLICOS	5.821
TOTAL	17.606

Fonte: KNOWLTON, 1961, p.58.

Knowlton (1961) aponta para uma imprecisão na definição das variáveis da tabela 5, que tem um recorte por grupo ocupacional. Segundo o autor, são considerados “lavradores” desde os proprietários rurais até mão-de-obra agrícola não-especializadas. As outras categorias são ainda mais difíceis de buscar definições. De acordo com Vilela (2002), grande parte dos imigrantes que vieram para o Brasil nesta época eram agricultores nas aldeias de origem. Por algum motivo, não explicitado, está informação diverge dos dados disponibilizados. Segundo Truzzi (2005), estes imigrantes normalmente não se apresentavam como agricultores, pois já tinham interesse em adentrar no comércio, sendo bem provável que estes já tinham parentes previamente estabelecidos como mascates e que repassavam as informações.

Tabela 5: Entrada de imigrantes sírios no Brasil pelo porto de Santos, de 1908 até junho de 1941, segundo grupo ocupacional

Lavradores	4.989
Operários	340
Outros	12.277
Total	17.606

Fonte: KNOWLTON, 1961, p.63.

1.8 A inserção laboral

A região da Amazônia representou um importante polo de atração para os primeiros imigrantes sírios que chegaram ao Brasil. Não apenas interessado na borracha, que estava em plena era de prosperidade, o mascate sírio viu na venda de mercadorias uma grande oportunidade de levantar dinheiro.

Entrando pelas matas e cortando os grandes rios, estes comerciantes sírios ficaram conhecidos como regatões e realizavam um comércio perigoso, já que os donos dos seringais desejavam ter o controle de toda a produção e de tudo que ocorria em seus terrenos. Os regatões subiam a barco pelos rios, vendendo mercadoria para os seringueiros, que normalmente tinham um ponto estratégico de encontro com estes imigrantes. Com estes regatões era possível fazer todo tipo de negócio. Aqueles que não tinham dinheiro compravam mercadoria a prazo e pagavam quando estes comerciantes estivessem voltando pelas águas dos rios. Havia também aqueles que trocavam mercadorias, ou até mesmo borracha, o que caracterizava um verdadeiro escambo. Além de mercadorias, os regatões também levavam jornais, notícias e informações da capital (TRUZZI, 2005, p. 16, 17).

Com o declínio da borracha, após a Primeira Guerra Mundial, muitos destes sírios que tinham se estabelecido nas terras do norte do país mudaram para São Paulo ou Rio de Janeiro, apesar de algumas famílias terem permanecido nas localidades. O estado de Minas Gerais também despertou bastante interesse nos sírios que, segundo Truzzi (2005), desempenharam papéis importantes no avanço do comércio e da indústria da região. Em pouco tempo, os sírios foram ganhando cada vez mais espaço na estrutura comercial de diversas cidades, sempre procurando instalar seus negócios perto de estações ferroviárias ou mercados municipais. Não demorou muito para que os sírios ficassem marcados como homens dedicados ao comércio.

Trabalhar como mascate foi a primeira alternativa de inserção econômica que os primeiros imigrantes sírios encontraram ao chegarem no Brasil. Muitos em seu país de origem tinham trabalhado no seguimento agrícola, porém no Brasil parecia um pouco inviável. Ao chegarem às terras brasileiras se depararam com um sistema de latifundiários, o que era totalmente diferente de tudo que já tinham trabalhado. Além disto, muitos não tinham recursos para serem proprietários rurais. Trabalhar como colonos nas grandes fazendas também não era tarefa fácil, já que muitos imigrantes europeus já estavam inseridos e eram inclusive preteridos. Além disto, nos primeiros anos da imigração síria no país, aqueles que já tinham se empregado como colonos logo desistiram, devido a falta de uma rápida perspectiva de melhoria de vida e pelo péssimo tratamento recebido. Não restando muita opção, e querendo retornar o mais breve para a terra natal, muitos sírios foram transformando-se em mercadores ambulantes, mascates, e distribuía as mercadorias por lugares longínquos (VILELA, 2002, p.88).

Como as maiores partes dos imigrantes sírios vieram solteiros para o país e queriam juntar a maior quantidade de riqueza no menor tempo para retornar ao seu país, muitos não hesitaram em optar por exercer a função de mascates. Determinados a fazer dinheiro, muitos destes mascates entravam sertão adentro negociando com colonos. Flexíveis nas condições de pagamento não tardaram em desbancar as vendinhas dos patrões (TRUZZI, 2005, p.30). As mercadorias eram das mais variadas: sal, algodão, santinhos, meias, agulhas, dentre outros produtos. Além disto, estavam dispostos a negociar e também eram bons compradores. Trocavam suas mercadorias por arroz, aguardente, metais preciosos, que depois eram negociados nos próximos pontos de vendas (VILELA, 2002, p. 89).

Não foram necessários muitos anos de trabalho árduo para que os sírios pudessem acumular capital suficiente para investir em melhorias, como comprar uma frota de burros ao invés de fazer a rota a pé. Com mais uns anos de trabalhos e um capital ainda maior, muitos destes imigrantes optaram por fixarem-se nos vilarejos onde tinham a maior freguesia, abrindo uma pequena loja que vendia de tudo. As lojas iam aumentando, e servindo também para a renovação do fluxo migratório, incentivando a vinda de novos imigrantes. Segundo Vilela (2002), o proprietário via o crescimento de seu estabelecimento e mandava buscar em seu país de origem familiares ou conhecidos, que pudessem trabalhar com ele nos negócios.

Os que chegavam recentemente iam fazer as vendas nos arredores, o que facilitava e fortalecia as relações comerciais.

Logo, estes imigrantes expandiram novamente seus negócios e foram rumo as grandes cidades. Muitos sírios estabeleceram lojas nos grandes centros urbanos, sendo que em sua maioria eram especializadas em tecidos e armarinhos. Após instalarem suas lojas e prosperarem, muitos viraram grandes empresários, com lojas que atendiam tanto ao varejo quanto ao atacado. O passo seguinte de muitos foi a indústria, sendo a têxtil e a de confecções, o principal ramo de especialização.

Segundo Truzzi (2005), o caso dos sírios no Brasil evidencia uma articulação de redes de emprego, indicações, subcontratações e negócios que eram preferencialmente realizados entre conterrâneos e parentes. Ainda segundo o autor, três foram os elementos que deram sustentação ao processo de mobilidade social dos sírios no Brasil:

- “ a) um perfil de distribuição demográfico-ocupacional singular;
- b) as relações de complementariedade e de ajuda mútua estabelecidas no interior da colônia;
- c) o contínuo processo de importação de parentes e conterrâneos pelos já estabelecidos. “ (TRUZZI, 2005, p.40).

Capítulo 2: O Brasil é destino: Contextualização do conflito armado e descrição do perfil da migração síria contemporânea

Neste capítulo iremos explorar a imigração síria contemporânea para o Brasil. Para isso, procuraremos relatar as causas atuais da emigração síria, buscando compreender, de forma sucinta o conflito atual. Através de algumas bases de dados, tentaremos descrever o perfil destes sírios que chegam ao Brasil a partir de 2011.

2.1 Contextualização do conflito

Nesta parte do capítulo faremos uma contextualização geral do conflito na Síria. Dividimos a abordagem em três partes: a primeira, mais histórica, trata a respeito do governo de Hafez al-Assad; seguindo, temos o segundo tópico voltado para a posse e os primeiros anos de liderança do filho de Hafez, Bashar al-Assad; o terceiro, e último ponto, aterrissamos na denominada *Primavera Árabe* e seus desdobramentos.

2.1.1 HAFEZ al-ASSAD 1971 – 2000

Entre 1966 e 1970, a Síria passou por mudanças notáveis cujo intento era a busca por sua estabilização. O presidente em exercício Salah Jadid operou uma reforma agrária no país, e transferiu a exploração de recursos naturais para o setor público (HAJJAR, 2016, p.30). O partido Baath, até então no poder, passa por divisões internas ocasionadas por um conflito de interesses entre duas alas integrantes do partido: a ala civil e a ala militar. Enquanto a ala militar possuía ideologias socialistas e propostas de reformas, a ala civil fazia firme oposição. Em 1966, o Comitê Militar (nome pelo qual era conhecida a ala militar dentro do partido) efetuou um golpe de estado, assumindo o comando. A disputa pelo poder passou a acontecer entre dois nomes do Comitê Militar: Salah Jadid e Hafez al-Assad. A guerra contra Israel, em 1967, se torna o clímax para que Hafez al-Assad assumira uma posição de patriota, e Salah Jadid seja responsabilizado pela derrota, e conseqüentemente internamente enfraquecido. Al-Assad, alçado a uma melhor posição dentro do partido, organiza com seus aliados um novo golpe, que o coloca, então, como presidente da Síria, em 1970 (COSTA, 2016, p. 32-33).

Concentrando poderes em torno do cargo de presidente, Hafez al-Assad se torna uma espécie de pessoa-estado e assume posição de protagonista dentro da historiografia da Síria. Hafez al-Assad vinha de uma família simples, e fazia parte de uma minoria religiosa na Síria, denominada os Alauitas. Segundo Zahreddine (2013), al-Assad durante seu mandato procurava criar formas de governabilidade que tornasse possível uma ascensão tanto social,

quanto política e econômica dos alauítas, assim como de cristãos e drusos. Essa oportunidade de inserção das minorias em cargos públicos, políticos e burocráticos, fez com que nascesse um sentimento de fidelização entre este grupo junto ao presidente e seus familiares.

De acordo com Hajjar (2016), foi durante o extenso período de governo de Hafez al-Assad que a Síria passou a entrar num período de estabilidade e em processo de modernização acelerado. O Movimento Coercitivo - nome pela qual ficou conhecida as reformas da década de 1970 - destacam o interesse de al-Assad em relação a aproximação entre os países árabes, e também em relação à modernidade.

Dentre as mudanças realizadas no setor econômico, no governo de al-Assad houve um aumento da renda do petróleo e a obtenção de rendas mediante acordos com as monarquias do golfo, criando assim um setor público de trabalhadores com direitos como garantia de emprego, plano de saúde, transporte público gratuito e aposentadoria. Já no âmbito político, houve um planejamento para que o presidente usufruísse de plenos poderes, cabendo-lhe as atribuições de um chefe de governo, chefe de Estado, comandante das forças armadas e líder do partido político. Os investimentos do governo sírio, nesta época, eram todos centrados no setor público e no exército (HAJJAR, 2016, p. 31-32).

A constituição síria de 1973 colocava o Baath como o partido governante da nação, e a partir disto os demais partidos passaram a ser convidados a integrarem a sua base de governo. Os partidos de oposição foram intensamente reprimidos pelo governo de Hafez al-Assad, porém o principal conflito ficou a cargo da Irmandade Muçulmana na Síria (HAJJAR, 2016 p.33). Em 1979, um acontecimento iria incendiar ainda mais a rivalidade entre a Irmandade e os adeptos ao governo. Conhecido como o massacre da escola de artilharia de Aleppo, cerca de 32 cadetes foram assassinados e ao menos 54 ficaram feridos, sendo que a maior parte destes eram alauítas. Sem demora, Hafez al-Assad fez diversos pronunciamentos atribuindo a Irmandade a culpa pelo massacre, e passou a denominar os seus integrantes como “traidores, heréticos e renegados”. O que al-Assad não contava é que, ao invés de criar um mal-estar entre a população e o movimento da Irmandade, as declarações feitas corroboraram para uma maior adesão dos sunitas à causa da Irmandade, afastando parte da população substancialmente a população do regime (COSTA, 2016, p. 36). No entanto, Hajjar (2016) pondera que a Irmandade conseguiu conquistar parte da burguesia sunita, porém nunca

conseguiu um amplo suporte na Síria, e isto até explicaria os fracassos das tentativas armadas de tomada do poder.

O regime de al-Assad iniciou um período de dura repressão aos participantes da Irmandade, que durou de 1979 até 1982, ano que o conflito atingiu seu ápice. De acordo com Costa (2016), a cidade de Hãma era conhecida por abrigar a maior parte dos islâmicos fundamentalistas, e seus bairros e ruas foram palco de um intenso confronto entre as forças armadas e os militantes da Irmandade. O regime esmiuçou cada canto da cidade. O confronto durou 3 dias, e estimativa de mortes varia de forma substancial: entre 5 e 40 mil mortos. A Irmandade e suas ações não foram capazes de abalar o regime de al-Assad, e acabou sendo quase que completamente erradicada, e seus líderes foram exilados.

Hafez al-Assad, após o confronto em Hãma, buscou estabelecer um bom relacionamento entre o regime e o papel do islã na sociedade síria. Costa (2016) relata que para tal ação, o governante reduziu as políticas de promoção do secularismo, e esquadrihando uma reconciliação sutil com os šuyūh sunitas menos politizados, sendo que concomitantemente reprimia os militantes.

“A tolerância do regime às expressões de identidade islâmicas sunita também permitiu a integração dos šuyūh ao clientelismo patrocinado pelo estado. Não é incomum que os šuyūh tenham conexões com a polícia secreta, participando de trocas de favores e informações que lhes garantem privilégios junto ao aparato estatal.” (COSTA, 2016, p. 39)

No dia 10 de fevereiro de 1985, um referendo foi organizado na Síria, onde as elites sírias outorgam a continuidade do governo de al-Assad, com 99,97% dos votos. O atual presidente era o único candidato, e apesar de questionamentos terem sido levantados a respeito da legitimidade do processo, este ato é utilizado por muitos para defender o argumento de que o regime de Hafez al-Assad era sim democrático, já que eram promovidas eleições parlamentares e legislativas (COSTA, 2016, p. 40).

No discurso oficial, normalmente, eram utilizadas antonomásias como “pai”, “primeiro professor”, “salvador do Líbano”, “líder eterno”, “combatente”, “cavaleiro galante”, para se referirem a pessoa de Hafez al-Assad. Recursos materiais e simbólicos foram

criados com o intuito de cultuar a pessoa de al-Assad e seus familiares, e mesmo que a os pensamentos da população fossem contrários, a demonstração pública sempre era a de lealdade (COSTA, 2016, p.40). Apesar de parecer que após o acontecimento de Hãma, a oposição tenha sido neutralizada, Costa (2016) relata que muitas expressões artísticas sírias entre os anos de 1980 e 1990, expõem a perpetuidade da presença de um pensamento crítico ao regime.

Durante as duas primeiras décadas do regime de al-Assad, a Síria se manteve independente de mecanismos internacionais de financiamento como o Banco Mundial e o FMI, graças a política rentista adotada. O progresso do liberalismo interno obrigou ao país a promover uma maior abertura da economia (HAJJAR, 2016, p. 35). A insuficiência de divisas acabou levando o país a passar por uma crise econômica em 1986, forçando ao governo a permitir, pela primeira vez, que empreendimentos mistos no setor agrícola fossem instaurados em território sírio. Além disso, políticas de liberalização focadas no comércio exterior, taxa de câmbio e regime de investimento foram atualizadas, mesmo que muitas delas não tenham sido realmente implementadas. A partir do momento em que o governo sírio percebe, e reconhece sua incapacidade de aprovisionar moeda estrangeira, passaram então a privatizar os monopólios de moeda estrangeira do setor público. No ano de 1991, o regime implementou a Lei de Investimento Número 10, cujo objetivo central era o de mobilizar capital doméstico na forma de investimento interno (COSTA, 2016, p.42-44).

No final do ano de 1990, a saúde de Hafez al-Assad encontra-se cada vez mais débil e frágil, porém, seu regime permanece de forma sólida. De acordo com Costa (2016), o regime é mantido através de duas vias: a primeira diz respeito a sua estrutura autoritária, materializada nas redes de inteligência e serviços secretos; e a segunda, refere-se ao culto ao estado e ao líder. Hafez al-Assad falece em 10 de junho de 2000. Entretanto, o regime sobrevive com a posse de seu filho, Bashar al-Assad, que assume o governo da Síria no dia 17 de julho de 2000, e permanece até os dias atuais.

2.1.2 BASHAR al-ASSAD 2000 -

Para que Bashar al-Assad assumisse o governo no lugar de seu pai, foi realizado um referendo popular com o intuito de oficializar a posse de al-Assad como presidente da Síria. Entretanto, a própria constituição síria precisou ser alterada, já que Bashar al-Assad, com 34 anos, não possuía a idade mínima prevista para assumir o cargo de presidente.

Segundo Costa (2016), em seu primeiro discurso como presidente, Bashar al-Assad destacou a importância de se buscar uma “democracia com responsabilidade”, “respeitando a opinião do outro”, assim como a necessidade do pensamento criativo para o desenvolvimento do país. Inserindo as mulheres no discurso, fala da importância do papel que elas devem desempenhar na modernização do estado. Procurando afastar-se da imagem do governo de seu pai - descrita por Costa (2016) como imagem de atraso, estagnação, corrupção e autoritarismo -, a epítome da propaganda do governo de Bashar al-Assad é a modernização.

As ações que buscavam esta modernização puderam ser contempladas desde a expansão do ensino de inglês nas escolas, quanto a chegada da internet e a ampliação das redes de telefonia móvel. Outro feito nos primeiros anos de mandato de Bashar foi a troca de, pelo menos, dois terços dos cargos mais altos do governo (HAJJAR, 2016, p. 36).

A oposição ao regime enxergou na ascensão de Bashar à presidência o momento ideal para erguer-se, mesmo que esta não fosse de unificada. De acordo com Costa (2016), eram muitos os interesses, assim como muitas eram as divergências entre eles. A oposição era formada por diversos grupos, cada qual com suas demandas, que muitas vezes eram contraditórias. A necessidade de se organizar uma oposição só foi levada a cabo após perceberem que Bashar al-Assad estaria mais receptivo a críticas do que o governo de seu pai.

Logo no início de seu governo, Bashar teve que enfrentar uma onda de protestos, movimento denominado “Primavera de Damasco”, cujas principais reivindicações eram a libertação de prisioneiros políticos e o fim do Estado de emergência. As manifestações não conseguiram mobilizar um contingente grande de pessoas, e seus fomentadores acabaram enfrentando prisões e julgamentos. Porém, torna-se importante destacar que efeitos ecoaram destas manifestações: o governo analisou alguns casos e promoveu algumas libertações; e partir destes acontecimentos, o regime passou a adotar uma postura mais tolerante em relação aos manifestantes e expressões públicas (HAJJAR, 2016, p. 37). A possibilidade de realizar críticas, inclusive públicas, ao regime foi uma experiência bastante nova para a população e para o próprio governo (COSTA, 2016, p.58).

A lista de candidatos independentes - sem partidos - que concorriam a uma vaga no Parlamento sírio sempre teve que passar primeira pelo crivo do Baath, e o partido dava a deliberação de aprovada ou rejeitada. A predileção era sempre de candidatos menos

politizados, buscando barrar a eleição de sujeitos mais críticos. Entretanto, de acordo com Costa (2016), muitos representantes de partidos ou organizações ilegais acabavam por concorrer como independentes, o que incluía islamitas filiados a Irmandade. A bem verdade era que após a morte de Hafez al-Assad, membros da Irmandade acreditaram que haveria uma alteração das ações em relação aos membros exilados. Costa (2016), relata que em abril de 2001, al-Assad publicou um decreto em que permitia a emissão de passaportes de um ano. Através deste decreto, alguns integrantes da Irmandade viram a possibilidade de retornar à Síria como indivíduos. Porém, os relatos daqueles que retornaram não foram os mais animadores. Muitos relataram agressões, prisões, tortura e mortes, sendo obrigados a confessarem suas participações nos eventos da década de 1980. Os membros logo perceberam que uma trégua entre Baath e Irmandade não seria possível, já que o regime negava-se a realização uma reforma do sistema político, estes então passaram a lutar pela saída do atual regime. Como não podiam utilizar da violência, no exílio, passaram a formar alianças com membros de movimentos políticos de ideologias distintas . Aproveitando das vantagens obtidas através da Primavera de Damasco, a Irmandade passa a fazer oposição aberta ao regime através de jornais estrangeiros. Aos poucos a Irmandade vai se afastando e diluindo a representação de violência e intolerância que o regime tinha lhe associado, passando a crescer novamente como uma forte oposição (COSTA, 2016, p. 58-59).

A “Guerra ao Terror”, promovida pelos EUA contra o Iraque, país vizinho a Síria, criou um sentimento de receio e medo entre a população síria, que temia ser um alvo em potencial. Uma das medidas de al-Assad foi abrir as fronteiras para que iraquianos pudessem se abrigar no país. Estima-se que a Síria recebeu cerca de 1,5 milhões de nacionais do Iraque. Este momento é marcado por importantes manifestações em prol do presidente, causando grande união entre a população.

Em 2006, as fronteiras são novamente abertas, sendo que agora para receber os libaneses após os ataques realizados por Israel as terras do Líbano. O exército sírio encontrava-se em território libanês desde 1976, ano de início da Guerra Civil Libanesa. A intervenção síria era vista como necessária tanto no Líbano quanto em contexto internacional. A morte do primeiro-ministro libanês, Rafik Hariri, em fevereiro de 2005 causa grande mal-estar, sendo a Síria acusada de planejar o episódio, mesmo que o país negue o fato. A ONU divulga então uma resolução exigindo a retirada imediata das tropas sírias do Líbano, o que é

cumprido ainda em 2005. No ano seguinte, Israel ataca as terras libanesas (HAJJAR, 2016, p.38).

Entre os anos de 2005 e 2010, organismos econômicos internacionais, como FMI e Banco Mundial, sinalizavam que os recursos que fizeram da Síria um Estado rentista já não eram mais suficientes para sustentar a economia do país. Neste período, a Síria passa por um processo acentuado de liberalização. O petróleo atravessava uma temporada de baixas receitas, o que levou o presidente Bashar a adotar um modelo de “capitalismo de Estado”, parecido com o modelo do governo da China, em que se permite a liberalização da economia, e a trata como independente dos setores públicos (HAJJAR, 2016, p.39).

A população mais pobre da Síria é a mais afetada pela crise econômica que se instaura no país. Segundo Hajjar (2016), os empregos públicos só conseguem absorver 20% dos trabalhadores em idade produtiva, restringindo o acesso às vagas para aqueles que tinham diploma técnico ou universitário. Foram subsidiadas cestas básicas as populações de forma em geral, e também aos agricultores, que durante a década enfrentaram fortes secas, lhes foram custeados insumos. Hajjar (2016) define a primeira década do governo de Bashar al-Assad como um período de ascensão liberal que acarretou em várias consequências, como por exemplo o crescimento do país, porém, por outro lado, apresentou limites importantes, desdobrando em impactos na população. O conflito geopolítico existente entre os vizinhos do golfo e a Síria e seu aliado Irã, afeta as possíveis entradas de receitas estratégicas (HAJJAR, 2016, p. 40-41).

2.1.3 Primavera Árabe

A Primavera Árabe, ou Primaveras Árabes como pontua Hajjar (2016), é como se intitulou os movimentos revolucionários dos povos árabes, iniciado em 2011, contra as ditaduras que encontravam-se no comando há anos. Eclodindo primeiramente na Tunísia, Egito e Iêmen, até então a Síria figurava como um lugar estável.

No ano de 2013, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, o sociólogo espanhol Manuel Castells faz uma associação entre movimentos populares que ocorreram no Brasil no ano supracitado, na Europa e o caso da Primavera Árabe. Segundo Castells, há uma semelhança muito notória em ambos: ambos são gerados nas redes sociais, de forma

espontânea, sem muito norte e ideologias. São frutos da indignação. E o palco para os movimentos são sempre o espaço urbano.¹

Segundo Costa (2016), em janeiro de 2011, o presidente sírio Bashar al-Assad define em entrevista ao *Wall Street Journal*, a Primavera Árabe como uma nova era, onde os líderes precisariam levar em consideração as demandas do povo. Na mesma entrevista, o presidente atribui à estabilidade da Síria “a conexão muito próxima das crenças do povo”. Entretanto, a situação nas ruas não condizia muito com o diálogo apresentado pelo presidente. Pairava um sentimento de decepção tanto de ordem social quanto política entre a população, e principalmente a população mais pobre, principal afetada pela queda na qualidade de vida dos cidadãos sírios na última década.

O estopim para o início da Primavera Árabe foi a morte de um vendedor de rua na Tunísia, Mohamed Bouazizi, que após ter seus produtos e materiais de trabalho confiscados, dirigiu-se a sede do governo para reivindicar seus direitos. Ao ter o seu pedido negado, Mohamed sai do palácio e na porta do local atea fogo em seu próprio corpo como forma de protesto pelas condições de vida que seu país oferecia aos cidadãos. O episódio de Mohamed sensibilizou parte da população, tanto que em seu enterro havia mais de 5 mil pessoas. A partir deste acontecimento, uma onda de manifestações espalhou-se pela Tunísia. Dez dias após o ocorrido, o então presidente tunisiano Zine el-Abdine Ben Ali, no poder desde 1987, abdica do cargo e foge para a Arábia Saudita. Este acontecimento torna-se o fomento para outras manifestações contra governos árabes ditatoriais, espalhando-se pela Jordânia, Argélia, Iêmen e Egito. Este último, após 18 dias de protestos, logrou a renúncia do então presidente Hosni Mubarak.

Os feitos e conquistas das revoluções na Tunísia e no Egito foram difundidos nas redes sociais e instigaram os jovens sírios a se mobilizarem. Costa (2016) descreve esta mobilização como algo que a oposição política nunca havia conseguido fazer na primeira década do governo de Bashar. Mesmo com o início tímido, o governo respondeu às manifestações de forma repressiva (COSTA, 2016, p. 92-94).

¹ “Atual Congresso brasileiro deveria ser dissolvido, diz sociólogo espanhol”. Folha de São Paulo, por Roberto Dias, em 2 de julho de 2013: Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1304810-atual-congresso-brasileiro-deveria-ser-dissolvido-diz-sociologo-espanhol.shtml>> . Acessado em 17 de novembro de 2016.

De acordo com Hajjar (2016), as facções da Irmandade Muçulmana - divididas entre os países árabes - tiveram importantes participações nas revoltas árabes, tanto ao incitar quanto na tentativa de agregar indivíduos ao grupo. As várias ações violentas praticadas pelo grupo no passado são esquecidas, fazendo com que este ganhe força, mesmo que de forma branda (HAJJAR, 2016.p.47).

Os atos iniciais na Síria ocorreram todos em Damasco, capital do país. Entretanto, era apenas o início do que estava por vir. De acordo com Costa (2016), a insurreição síria veio de Deraa, antiga base política do partido Baath, zona rural que foi desfavorecida pelas políticas liberacionistas adotadas pelo governo de Bashar.

“...um grupo de 20 crianças grafitou palavras de ordem contra o regime no muro da escola no dia 13 de março, e foram detidas pelas forças de segurança no dia seguinte. Já havia um crescente descontentamento com as forças governamentais em Deraa, sua arbitrariedade e sua corrupção. O chefe local das forças de segurança, Atif Najib, filho de uma tia de Bashar al-Assad, não era benquisto em Deraa; no dia 18 de março, quando os pais das crianças foram exigir que lhes devolvessem os filhos, Najib lhes disse, literalmente: “Esqueçam seus filhos. Vão fazer outros, e se não conseguirem, tragam suas mulheres pra mim que eu faço”. Após alguns dias, quando os meninos saíram da prisão, as marcas de tortura por choque elétrico e unhas arrancadas denunciaram o tratamento que lhes havia sido dado. Logo após deixarem a delegacia, toda a cidade já sabia dos fatos e muitos cidadãos decidiram fazer um ato. [...] O ato foi reprimido com jatos de água e disparos de armas de fogo: quatro pessoas morreram. No dia seguinte, o funeral dos primeiros mortos da insurreição se transformou em outra manifestação, que também foi duramente reprimida pelas autoridades.” (COSTA, 2016, p. 93)

Os protestos prosseguiram, tanto em Damasco quanto em Deraa, sendo que em ambas as cidades foram respondidos com repressões violentas por parte das forças de segurança. O número de presos e de mortes aumentava a cada manifestação feita nas ruas. A forma violenta como o regime respondia às manifestações ganhava proporções públicas na medida em que se filmavam as manifestações e os atos da força de segurança e estes vídeos iam sendo upados na plataforma do *Youtube*. Uma reunião foi agendada pelos representantes locais de Deraa, no dia 31 de março, entre as famílias de pessoas que foram presas ou mortas durante os protestos e o presidente Bashar al-Assad. Na reunião em questão foram apresentados ao presidente os

vídeos gravados mostrando a forma truculenta na qual os manifestantes eram submetidos pelas forças de segurança. Al-Assad afirma que não tinha conhecimento destes acontecimentos, e comprometeu-se (e cumpriu) a libertar os presos, assim como retirar as forças de segurança. No dia seguinte, uma manifestação na cidade de Deraa contou com 700 mil participantes, e como prometido, sem a presença das forças de segurança nas ruas (COSTA, 2016, p. 95).

Segundo Hajjar (2016), para além da repressão, o regime procurou também estabelecer diálogo com os manifestantes com o intuito de ouvir e tentar atender as demandas pautadas. A primeira ação foi a instauração de um canal onde os manifestantes pudessem se posicionar e colocar suas demandas de forma pacífica. A constituição também sofreu alterações, a principal foi a alteração do artigo que colocava o partido Baath como "partido governante" em troca de uma alternativa mais democrática. Com relação direta a esta modificação, no ano de 2014 foram realizadas eleições diretas na Síria, onde Bashar al-Assad concorreu com outros dois candidatos. O resultado foi a reeleição de Bashar, com larga margem de votos (HAJJAR, 2016, p.49). Uma comissão também foi criada com a finalidade de averiguar a ocorrência e causas de mortes nas manifestações. Através das duas companhias de telefonia móvel da Síria - SyriaTel e MTN – o presidente presenteou todos os clientes com 60 minutos de ligações grátis, o que acabou por congestionar a rede por dois dias. O preço dos combustíveis também sofreu uma redução de 25% no preço (COSTA, 2016, p.96).

Entretanto, as manifestações perduraram e foram ganhando cada vez mais corpo e força. Logo as repressões também foram retomadas, só que desta vez de forma mais violenta, gerando um número maior de mortes e detenções. Os governos dos EUA e da União Europeia lançaram uma nota de repúdio à forma violenta na qual o regime sírio respondia as manifestações, e cogitaram a possibilidade de sanções econômicas (COSTA, 2016, p.96).

No dia 25 de abril, na cidade de Deraa, a repressão da força de segurança atinge seu ponto mais violento. Segundo Costa (2016), tanques de guerra – utilizados para sitiar cidades em guerras – foram levados as ruas, além de atiradores de elites serem estrategicamente posicionados no topo dos edifícios. Em determinado momento do cerco, a força nacional abriu fogo contra os manifestantes, causando a morte de várias pessoas. O exército só saiu de Deraa no dia 04 de maio. Durante este tempo eletricidade e linhas telefônicas foram cortadas.

A comunicação com a cidade era praticamente impossível, assim como obter alguma notícia do que ocorria por ali.

Após o episódio, as autoridades estrangeiras começaram a se posicionar publicamente a respeito da forma como Bashar al-Assad estava sua gestão perante a crise. No final do mês de abril, o Conselho de Direitos Humanos da ONU autoriza o início de investigações sobre a utilização da violência do regime contra os civis. Neste momento também, os EUA e a União Europeia estabelecem as primeiras sanções econômicas, porém estas afetavam apenas alguns membros do regime, e não diretamente ao presidente Bashar al-Assad. Dois temas começam também começam a ganhar força nesta ocasião: oposição armada e intervenção internacional. O regime alegava que o uso da violência era destinado a um grupo específico, aqueles que estavam armados, e que se aproveitavam destas ocasiões para abrir uma ofensiva contra o exército e as forças da de segurança (COSTA, 2016, p.98).

Após o Cerco de Deraa, as forças de segurança passaram a adotar ações militares semelhantes nas outras cidades onde os protestos se alastravam. A medida que a violência aumentava, as manifestações também sem ampliavam. Diversas estátuas de Hafez al-Assad foram derrubadas neste período. No dia 20 de junho, Bashar al-Assad em discurso proferido na Universidade de Damasco, convocou a população para um diálogo nacional cujo intuito era acabar com as conspirações, e por consequência, fazer justiça a todo sangue sírio derramado (COSTA, 2016, p.99).

Como pontuado pela autora Renata Costa (2016), as primeiras manifestações ocorriam em bairros e cidades, com caráter local e o propósito de sanar as demandas locais. A forma violenta na qual o regime respondeu a estes protestos, fez com que o movimento se ampliasse e as demandas tomassem proporções nacionais. A princípio, as manifestações ocorriam as sextas-feiras, no horário da saída da oração. Com o tempo, os protestos foram ocorrendo em outros dias da semana, como no dia de funerais de participantes do movimento.

O regime defendia a ideia de que o conflito era contra gangues armadas, e criminosos infiltrados, e não contra a população. Já dentre os participantes dos protestos, acreditava-se que estas gangues armadas eram milícias armadas e apoiadores do regime, que se infiltravam nas manifestações pacíficas para tumultuá-las, e assim espalhar o temor e a violência. Apesar dos manifestantes serem oriundos das mais diversas religiões e origens comunitárias, o

regime permanecia firme no discurso de que as ações praticadas tinham como objetivo a proteção da população contra a intolerância. As mídias estatais propagam a isenção do regime na onda de violência e culpabilizam gangues armadas e até mesmo falam em terrorismo estrangeiro (COSTA, 2016, p.102).

Se antes era tratado como uma possibilidade a ser combatida, o sectarismo passou a ser uma realidade em território sírio conforme a violenta conduta das milícias pró al-Assad se intensificava, levando manifestantes a passarem do ato de se defender para o ataque, gerando assim um conflito armado. A insurreição de 2011 levou a conflitos entre sunitas e comunidades minoritárias que ainda não haviam sido relatadas. Entretanto, em meio ao conflito, manifestações pacíficas continuam a propagar, seja em universidades ou em outros espaços públicos, cuja participação era bem diversificada. É neste momento que há registro dos primeiros refugiados, que seguiam em direção a Turquia (COSTA, 2016, p. 103-105).

Após a primavera de 2012, a oposição armada se consolida e ganha maior amplitude na onda de protestos. No início a resistência armada era composta por brigadas locais, sem um comando unificado. A partir do outono, as manifestações já se assemelhavam a uma guerra civil, com inúmeras facções que passaram a denominar de Exército Livre Sírio (ELS). Em Istambul, buscaram unificar a oposição no exílio e então é criado o Conselho Nacional Sírio (CNS), cuja primeira e principal ação seria a de conseguir se articular com as demandas de outros grupos que estavam em território sírio, como o ELS. Segundo Costa (2016), uma prova desta falta de articulação podia ser vista nas declarações de ambos os grupos: à medida que o CNS buscava descrever o ELS como um grupo que lutava pela autodefesa e pela defesa de protestantes desarmados, o próprio ELS propagava que suas intenções eram a de fazer guerra contra o exército sírio (COSTA, 2016, p. 106-107).

No final do ano de 2011, a Síria recebe uma visita dos monitores da Liga Árabe, que pedem ao governo sírio a efetivação de uma agenda, que dentre vários pontos destacamos: um diálogo melhor com a oposição, liberdade de acesso tanto à mídia árabe quanto a mídia internacional e por fim, a autorização para realização de protestos pacíficos. Segundo Costa (2016), nenhum destes pontos foram acatados por al-Assad. No dia seguinte a chegada dos monitores, ocorreram duas explosões suicidas na capital síria, deixando 25 mortos. Duas vertentes da história eram debatidas: o governo culpou a al-Qaeda pelo acontecimento, atribuindo o fato a um atentado terrorista. Havia um outro grupo que acreditava na hipótese

do regime ter tramado o ataque para passar aos monitores da Liga Árabe a impressão de que os protestos envolviam terroristas. O governo planejava construir uma imagem de oposição que pudesse ser identificada como terrorismo pela comunidade internacional (COSTA, 2016, p. 108).

Parte considerável da população residente na Síria, e também de civis refugiados, não apoiam o governo e nem a oposição, com a justificativa de que o conflito armado decaiu, e muito, a qualidade de vida da população. De acordo com o Costa (2016), a situação na Síria ainda não apresenta nenhuma solução praticável. Tendo a crise humanitária chegado em um estágio drástico, com milhares de refugiados buscando recomeçar a vida na Europa, mas poucos conseguindo serem reconhecidos como refugiados. Segundo a autora, uma quantidade significativa de pessoas deixa de padecer nas mãos do regime ou dos insurgentes, para encontrar a morte no mar Mediterrâneo ou para ser recebidos com indiferença em muitos países da Europa. Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), os países fronteiriços já receberam cerca de 4,7 milhões de refugiados, sendo que deste total, apenas 10% vivem dentro dos campos da ONU, e os outra grande parcela viveria ao redor dos campos, sem estarem devidamente registrados (COSTA, 2016, p.108-110)., e os outra grande parcela viveria ao redor dos campos, sem estarem devidamente registrados (COSTA, 2016, p.108-110).

2.2 Brasil: País de destino

Neste item do capítulo abordaremos a entrada destes migrantes sírios, e faremos uma breve análise do perfil destes através dos dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) e do Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (Sincre).

2.2.1 Dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE)

"O Brasil é signatário dos principais tratados internacionais de direitos humanos e é parte da Convenção das Nações Unidas de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e do seu Protocolo de 1967. O país promulgou, em julho de 1997, a sua lei de refúgio (nº 9.474/97), contemplando os principais instrumentos regionais e internacionais sobre o tema. A lei adota a definição ampliada de refugiado estabelecida na Declaração de Cartagena de 1984, que considera a "violação generalizada de direitos humanos" como uma das causas de reconhecimento da condição de refugiado. Em maio de 2002, o país ratificou a Convenção das Nações Unidas de 1954 sobre o Estatuto dos Apátridas e, em outubro de 2007, iniciou seu processo de adesão à Convenção da ONU de 1961 para Redução dos Casos de Apatridia.

A lei brasileira de refúgio criou o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), um órgão interministerial presidido pelo Ministério da Justiça e que lida principalmente com a formulação de políticas para refugiados no país, com a elegibilidade, mas também com a integração local de refugiados. A lei garante documentos básicos aos refugiados, incluindo documento de identificação e de trabalho, além da liberdade de movimento no território nacional e de outros direitos civis. " (ACNUR, 2016)²

De acordo com os dados publicados pelo Conare, em 2016 houve uma diminuição no quantitativo geral (todas as nacionalidades) de solicitações de refúgio, com 10.308 solicitações, uma redução de cerca de 34,87% se comparado ao ano anterior. Entretanto, destaca-se um aumento de 12% no quantitativo de refugiados reconhecidos no Brasil, passando de 8.493 para 9.552 casos.

Do total geral de solicitações feitas em 2016, os sírios representam apenas 4% dos pedidos, sendo a quinta nacionalidade em termos de solicitações, com 391 casos. Os nacionais da Síria obtiveram o maior número de deferimentos de solicitações de refúgio, com 326 casos reconhecidos. Desde 2011, 3.851 sírios solicitaram refúgio no Brasil, deste contingente, 2.624 sírios já tiveram seus casos julgados e sua condição de refugiado reconhecida.

O aumento de solicitações de refúgio por parte dos sírios ao estado brasileiro pode ser entendido em muitos aspectos. O primeiro fato a se pontuar é pelo grupo ser enquadrado no tipo “prima facie” de refugiados, ou seja, são aqueles que há um deslocamento forçado e em massa o que afetaria a capacidade organizacional para realização de entrevistas, além de haver um motivo evidente para o ato da fuga³. Outro ponto na qual podemos relacionar o aumento do número de refugiados sírios no país está atrelado a Resolução Normativa do Conare n.17/2013, (que foi renovada por mais dois anos por meio da Resolução Normativa n.20/2015), que trata:

“Art. 1º Poderá ser concedido, por razões humanitárias, o visto apropriado, em conformidade com a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto 86.715, de 10 de dezembro de 1981, a indivíduos afetados pelo conflito

² "Dados sobre refúgio no Brasil",2016: Disponível em:

<<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>> . Acessado em 20 de novembro de 2017.

³“Solicitantes da condição de refugiado”: Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/solicitantes-de-refugio/>>. Acessado em 21 de novembro de 2017.

armado na República Árabe Síria que manifestem vontade de buscar refúgio no Brasil.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população em território sírio, ou nas regiões de fronteira com este, como decorrência do conflito armado na República Árabe Síria.”(BRASIL, Resolução Normativa n.17/2013, 2013)

No dia 05 de outubro de 2015, o governo brasileiro, representado pelo Conare, e o ACNUR assinaram um termo de parceria cuja finalidade era o aprimoramento na concessão de vistos a refugiados sírios, buscando tornar o processo mais eficiente⁴.

Os dados do Conare utilizados neste item correspondem aos dados gerais disponibilizados, e aqui já citados em nota de rodapé (página anterior). Apesar das solicitações feitas, não obtivemos os dados com o recorte sírio de forma mais detalhada, o que impossibilitou uma melhor explanação dos mesmos.

2.2.2 Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (Sincre)

“O SINCRE é uma base de dados de registros administrativos do Departamento de Polícia Federal (DPF), do Ministério da Justiça, que tem por objetivo cadastrar todos os estrangeiros com vistos de entrada regular no país, exceto aqueles temporários concedidos por motivo de turismo. Todas as pessoas com permissão de ingresso, temporário ou permanente, devem comparecer, num período máximo de 30 dias ao Departamento de Polícia Federal para obter o Registro Nacional, p.de Estrangeiro (RNE). A partir daí é construído o cadastro que permitirá, posteriormente, além do controle da presença dos não nacionais, a emissão da Carteira de Identidade do Estrangeiro (CIE).”(OLIVEIRA et. Al, 2015, p. 46)

No presente item, abordaremos os dados a respeito do registro de imigrantes sírios extraídos da base Sincre, que nos foi disponibilizada pelo Observatório das Migrações

⁴ “Brasil e Acnur estabelecem parceria para aprimorar concessão de vistos a refugiados do conflito na Síria”, 06 de outubro 2015: <<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/brasil-e-acnur-estabelecem-parceria-para-aprimorar-concessao-de-vistos-a-refugiados-do-conflito-na-siria/>>, acessado em 21 de novembro de 2017.

Internacionais - OBMigra. Dividiremos a análise em uma série histórica que contempla os anos 2011 a 2016.

Entre 2011 e 2016, cerca de 2.265 sírios entraram no país e solicitaram registro junto a Polícia Federal. Deste total, 65,43% são do sexo masculino e 34,57% do sexo feminino. Com início ainda tímido, a partir de 2013 o percentual de registros referentes a imigrantes sírios foram aumentando, o que em certa medida podemos atrelar a deliberação da Resolução Normativa do Conare n.17/2013. O ano de 2014 foi o ano com maior número de registros de imigrantes sírios, com 832 casos, sendo 607 de imigrantes sírios e 225 de imigrantes sírias. Em seguida temos 2016, com 657 ocorrências divididas entre 381 homens e 276 mulheres. Seguindo uma tendência na imigração para o Brasil, o caso dos sírios também é uma migração notadamente masculinizada.

2.1 - Número de entrada de imigrantes sírios, segundo sexo, Brasil, 2011-2016.

Homens	1482
Mulheres	783
Total Geral	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

2.2 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo sexo, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Homens	6	24	127	607	153	381	184
Mulheres	4	20	53	225	97	276	108
Total Geral	10	44	180	832	250	657	292

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

Segundo estado civil, 54,56% dos imigrantes sírios que entraram no país e solicitaram registro na Polícia Federal, eram solteiros, e cerca de 42,82% eram casados. Desagregando estes dados por sexo, temos que no caso masculino a predominância é de solteiros, com 62,75% dos casos, enquanto 55,68% das mulheres sírias eram casadas.

2.3 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo estado civil, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
Casado	8	26	76	280	118	338	124	970
Divorciado		2	5	8				15
Não aplicável		1	2	3				6
Outro					2	15	11	28
Solteiro	2	15	95	537	129	301	157	1236
Viúvo			2	4	1	3		10
Total Geral	10	44	180	832	250	657	292	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

2.4 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo sexo e estado civil, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
Homens	6	24	127	607	153	381	184	1482
- <i>Casado</i>	5	15	44	169	69	170	62	534
- <i>Divorciado</i>			2					2
- <i>Não aplicável</i>		1	1	1				3
- <i>Outro</i>						4	4	8
- <i>Solteiro</i>	1	8	79	434	84	206	118	930
- <i>Viúvo</i>			1	3		1		5
Mulheres	4	20	53	225	97	276	108	783
- <i>Casada</i>	3	11	32	111	49	168	62	436

- Divorciada	2	3	8					13
- Não aplicável		1	2					3
- Outro					2	11	7	20
- Solteira	1	7	16	103	45	95	39	306
- Viúva			1	1	1	2		5
Total Geral	10	44	180	832	250	657	292	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

Os dois primeiros anos de análise são marcados por uma imigração de sírios em idade adulta. A partir de 2013, há um aumento no número de crianças e adolescentes que chegam ao país, mesmo recorte de tempo em que percebemos um aumento na migração de homens casados e mulheres casadas, o que nos leva a pontuar a existência de migrações familiares. Numa perspectiva geral, 21,76% dos sírios que foram registrados em território brasileiro tinham idade entre 25 a 30 anos, seguido por aqueles com idade entre 30 e 35 anos (17,52%), 20 a 25 anos (11,74%) e 0 a 10 anos (10,11%).

2.5 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo grupo de idade, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
0 -- 10 anos			12	84	35	68	30	229
10 -- 15 anos			8	33	7	21	19	88
15 -- 20 anos			18	49	8	16	18	109
20 -- 25 anos		8	18	142	8	55	35	266
25 -- 30 anos	2	11	36	166	62	156	60	493
30 -- 35 anos	3	5	24	130	48	131	56	397
35 -- 40 anos		4	13	68	32	81	20	218

40 -- 45 anos	5	9	58	23	49	12	156
45 -- 50 anos	3	7	48	14	23	12	107
50 -- 55 anos	1	3	18	23	5	20	83
55 -- 60 anos	2	1	3	19	5	14	53
60 -- 65 anos	1		3	4	3	12	28
65 --	1	4	11	8		11	38
Total Geral	10	44	180	832	250	657	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

A base do Sincre nos possibilita ter informações tanto a respeito da Unidade da Federação pela qual os imigrantes chegaram ao país quanto a que estão residindo no momento do registro. A entrada, em quase sua totalidade, é pelo estado de São Paulo. 92,93% dos imigrantes sírios que desembarcaram no Brasil, entre 2011 e 2016, chegaram por São Paulo. O Rio de Janeiro aparece com o segundo maior quantitativo, cerca de 3,97% dos casos, porém a disparidade entre os estados é muito grande. A grande concentração de desembarque no estado de São Paulo pode ser explicada pela presença do Aeroporto Internacional de Guarulhos (principal aeroporto do Brasil e da América Latina), além da capital do estado, a cidade de São Paulo, ser a mais conhecida do país no exterior.

2.6 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo UF de entrada, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
BA					1			1
DF			2	14	8	3		27
MA					1			1
MG				1		1		2
PA		1	1	1		2		5

PE						2		2
PR		2	5	5	3	6	3	24
RJ		6	17	21	8	28	10	90
RO			1					1
RR					3			3
RS				1	2	1		4
SP	10	35	154	789	224	614	279	2105
Total Geral	10	44	180	832	250	657	292	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

Ao olharmos a tabela 2.7, referente às UF's de residência, percebemos que há um remanejamento maior dos imigrantes pelo território brasileiro. Boa parte dos imigrantes que chegam pelo estado de São Paulo fixam residência. Dos 2.105 sírios que chegaram por São Paulo, entre 2011 e 2016, 75,20% permaneceram no estado. O estado do Paraná foi o segundo local mais procurado pelos sírios para estabelecerem residência, seguido pelo Rio de Janeiro, Distrito Federal e Santa Catarina.

2.7 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo UF de residência, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
AL					1			1
AM			1	11				12
BA			4	2	1		1	8
CE		1	1	2				4
DF		1	17	36	10	17	7	88
ES				8		1	1	10
GO		1	9	11	2	10	1	34
MA					2	1		3
MG			6	24	7	35	7	79

MS	1		5	5		13	5	29
MT			1	1	5			7
PA		1	1	3	3	3		11
PB			1		1			2
PE			1			3		4
PR		7	31	89	10	25	13	175
RJ	2	4	9	24	10	33	16	98
RN				2				2
RO						2		2
RR			2	4	2			8
RS		1	2	3	5	3	1	15
SC			18	23	3	30	10	84
SE		2		2				4
SP	7	26	71	581	187	481	230	1583
TO				1				1
(vazio)					1			1
Total Geral	10	44	180	832	250	657	292	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

É na cidade de São Paulo que 52% dos imigrantes sírios escolheram fixar residência ao chegarem ao país. Um dos fatores levantados por nós para esta escolha está na forte comunidade síria instalada na cidade, como já descrita no capítulo 1 deste trabalho. Fora do estado de São Paulo, a capital do país, Brasília, é onde encontramos maior número de sírios registrados residindo, cerca de 3,88%.

2.8 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo principais municípios, Brasil, 2011-2017.

SAO PAULO - SP	1178
GUARULHOS - SP	94
BRASILIA - DF	88
RIO DE JANEIRO - RJ	72
CURITIBA - PR	67
FOZ DO IGUACU - PR	63
FLORIANOPOLIS - SC	62
SAO BERNARDO DO CAMPO - SP	56
BELO HORIZONTE - MG	33
SAO JOSE DO RIO PRETO - SP	27
OUTROS	525
Total Geral	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

As classificações dos registros na base de dados do Sincre variam de acordo com o tipo de visto apresentado pelo indivíduo. Vistos permanentes tendem a receber a classificação permanente; aqueles que chegaram ao país e vão ficar por um breve intervalo de tempo – seja para uma apresentação, a trabalho, férias – recebem a classificação temporário; a classificação fronteiriço é destinada principalmente aqueles que realizam a denominada migração pendular, ou seja, residem em países que fazem fronteira com o Brasil; e por fim, os imigrantes que recebem a classificação outros são os que entram no país com visto de refugiados. Cada classificação tem como base um amparo legal.

Em 2011, não está contabilizado nenhum registro de sírio com visto de refugiados, dando início a contagem apenas no ano de 2012. No ano de 2014, 87,86% dos imigrantes sírios registrados entraram com visto de refúgio. No ano seguinte houve uma queda de 88% nos registros de imigrantes com visto para refugiado, voltando a crescer nos anos posteriores.

2.9 - Número de registros de imigrantes sírios, segundo classificação, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
FRONTEIRIÇO					1			1
OUTROS		11	132	731	87	273	203	1437
PERMANENTE	9	26	33	90	156	373	85	772
TEMPORÁRIO	1	7	15	11	6	11	4	55
Total Geral	10	44	180	832	250	657	292	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

Ao desagregarmos estes dados por sexo, percebemos a predominância dos registros de homens sírios com vistos de refúgio, tendo em vista que 70,71% do total geral de imigrantes sírios homens registrados entraram no país com visto para refugiados. No caso das mulheres sírias não há uma predominância em apenas uma classificação. Entre 2013 e 2014, a maior parte das mulheres iam fazer o registro com visto de refúgio. A partir de 2015 há uma inversão na contabilização, sendo que a classificação mais atribuída é a permanente. No âmbito geral, das 783 sírias registradas entre 2011 e 2017, 49,68% entraram com visto de refúgio e 48,40% entraram com outro tipo de visto permanente.

Ao cruzarmos as variáveis “*classificação*” e “*amparo*”, podemos ver que a maior parte das mulheres que foram registradas com a classificação permanente, ou melhor, 338 casos, tinham como referência o amparo 251 (ART.1.º DA RES. NORM. 108/14 CNI). A concessão de vistos para estas mulheres está intimamente ligada à reunião familiar, estratégia migratória comum quando o processo migratório não é simultâneo para todos os membros da família. Primeiro migra o marido/pai (com visto de refúgio, neste caso), após adquirirem estabilidade no país de destino a esposa e o filho também migram (MEJÍA E CAZAROTTO, 2017, p.8)⁵.

⁵ MEJÍA, M.R.G.; CAZAROTTO, R.T: “As mulheres imigrantes na família transnacional haitiana no Brasil”, 2017: Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/viewFile/16711/4244>> . Acessado em: 01 de dezembro de 2017.

“Conselho Nacional de Imigração, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993,

Resolve:

Art. 1º O Ministério das Relações Exteriores poderá conceder visto temporário ou permanente, a título de reunião familiar, aos dependentes de cidadão brasileiro ou de estrangeiro temporário ou permanente no Brasil.” (BRASIL, 2014)⁶.

A tabela 2.10 exemplifica um pouco esta questão. Enquanto na categoria *solteiro*, a classificação com maior valor é a referente a entrada com visto de refúgio (*outros*), quando olhamos a categoria *casados*, apesar do valor expressivo em outros, a predominância de entradas com outros vistos permanentes.

2.10 - Número de registros de imigrantes sírios, por classificação, segundo sexo, Brasil, 2011-2017.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total Geral
Homens	6	24	127	607	153	381	184	1482
- FRONTEIRIÇO					1			1
- OUTROS		5	95	549	61	194	144	1048
- PERMANENTE	6	15	21	47	87	179	38	393
- TEMPORÁRIO		4	11	11	4	8	2	40
Mulheres	4	20	53	225	97	276	108	783
- OUTROS		6	37	182	26	79	59	389
- PERMANENTE	3	11	12	43	69	194	47	379
- TEMPORÁRIO	1	3	4		2	3	2	15
Total Geral	10	44	180	832	250	657	292	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

⁶ BRASIL, “RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 108”, DE 12 DE FEVEREIRO DE 2014: Disponível em: < <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Cingapura/en-us/file/RN%20108-2014.pdf>>. Acessado em: 01 de dezembro de 2017.

2.10 - Número de registros de imigrantes sírios, por estado civil, segundo classificação, Brasil, 2011-2017.

	FRONTEIRIÇO	OUTROS	PERMANENTE	TEMPORÁRIO	Total Geral
Casado		431	511	28	970
Divorciado		12	3		15
Não aplicável		3	3		6
Outro		14	14		28
Solteiro	1	969	239	27	1236
Viúvo		8	2		10
Total Geral	1	1437	772	55	2265

Fonte: Sistema Nacional de Cadastramento de Estrangeiros (Sincre) - Departamento de Polícia Federal / Ministério da Justiça.

2.2.3 Resumo do perfil: Imigrantes sírios contemporâneos

Sexo: 66% homens, 34% mulheres.

Idade: 49% têm entre 25 e 40 anos.

Estado civil: 55% solteiros

Principal UF de entrada: São Paulo.

Principais UF's de residência: São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro.

Principal município de residência: São Paulo.

Principais tipos de visto: Visto de refúgio e reunião familiar.

Capítulo 3: Onde estão? Uma análise da movimentação de trabalhadores imigrantes sírios no mercado de trabalho formal brasileiro

O objetivo deste capítulo é descrever e analisar a inserção e movimentação de imigrantes sírios no mercado de trabalho formal brasileiro, entre os anos de 2011 e 2016. Para isso, contaremos com os dados disponibilizados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), referente a base Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Os dados do Caged nos darão a possibilidade de monitorar a movimentação destes imigrantes no mercado de trabalho

É necessário pontuar questões metodológicas que permeiam a extração destes dados. Primeiramente em relação ao Caged: a base em si não possui a variável nacionalidade, fazendo com que seja necessário um *linkage* com outra base, a CTPS (Carteira de Trabalho e Previdência Social), que contém a variável desejada. Em seguida, identifica-se uma variável identificadora, presente em ambas as bases – no nosso caso utilizamos o PIS – e realiza-se o cruzamento das informações, gerando assim uma nova base: CTPS/Caged. Entretanto, pontuamos desde já a possibilidade de inconsistências, tendo em vista que no estado de São Paulo algumas carteiras de trabalho ainda são emitidas pelo método manual e acabam não sendo contabilizadas (CAVALCANTI E BRASIL, 2017, p.86).

3.1 A movimentação de trabalhadores sírios

Entre 2011 e 2016, houve 755 contratações de imigrantes sírios e 517 demissões, resultando numa movimentação positiva de 238 imigrantes. Decompondo por ano, em 2011 encontramos a menor movimentação, e em 2015 as maiores cifras. Se resgatarmos os dados do Sincre, explanados no capítulo anterior, a partir de 2013 o número de entrada cresce exponencialmente, e em 2014 atinge seu ápice, o que nos ajuda a entender, de forma parcial, o aumento da inserção destes imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro. Torna-se importante destacar também que, dentro da série histórica aqui estudada, a movimentação de imigrantes sírios foi sempre positiva, mesmo em 2016, ano em que a crise chegou a afetar as movimentações de imigrantes em geral (CAVALCANTI E BRASIL, 2017, p.97).

Outro fator que nos chama atenção são os número, muito aquém, de sírios contratados se levarmos em consideração os registros de entrada destes, o que nos leva a ponderar a dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal.

3.1 - Movimentação de trabalhadores sírios, por ano, Brasil, 2011-2016.

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Saldo Geral
Admissões	7	22	45	158	301	222	755
Demissões	2	8	23	86	203	195	517
Saldo	5	14	22	72	98	27	238

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

Ao desagregarmos os dados por sexo, percebemos que a movimentação de trabalhadores nacionais da síria segue a tendência de clivagem por sexo, característica da imigração para o Brasil (CAVALCANTI; BRASIL; DUTRA, 2016, p. 86). Em toda a série histórica o número de contratações de sírios supera o número de contratações de sírias em larga escala. Em 2011 encontramos a menor disparidade, sendo o número de mulheres contratadas 60% menor que o de homens. Já em 2015 esta disparidade chega a 88,92%, atingindo seu ápice até então. Segundo relatório publicado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2017), as mulheres encontrariam maiores barreiras para se inserirem no mercado de trabalho formal, e uma vez que adentraram a oferta de emprego para elas é menor que a para os homens. Às mulheres estaria intimamente ligado o serviço familiar não remunerado, o que muitas vezes explica a ausência destas em dados oficiais. De acordo com Dutra e Brasil (2017), ao se tratar de mulheres imigrantes, os empecilhos para incorporação na economia formal seriam incrementados.

Desde 2011 o número de admissões, tanto para homens quanto para mulheres, superou o de demissões, obtendo sempre um saldo geral positivo. No ano de 2016 encontramos o maior quantitativo de contratações de mulheres, e pela primeira vez, o saldo de mulheres sírias que permaneceram no mercado de trabalho superou o de homens sírios. Todavia, nota-se que o número de demissões de mulheres é relativamente maior que o dos homens nos outros anos, tendência descrita pela OIT (2017), em as mulheres ao se inserirem no mercado de trabalho possuem maior probabilidade de se encontrarem desempregadas.

3.2 - Movimentação de trabalhadores sírios, segundo sexo, Brasil, 2011-2016.

	Admissões	Demissões	Saldo
2011	7	2	5
- Masculino	5	-	5
- Feminino	2	2	0
2012	22	8	14
- Masculino	17	4	13
- Feminino	5	4	1
2013	45	23	22
- Masculino	34	18	16
- Feminino	11	5	6
2014	158	86	72
- Masculino	140	76	64
- Feminino	18	10	8
2015	301	203	98
- Masculino	271	183	88
Feminino	30	20	10
2016	222	195	27
- Masculino	180	170	10
- Feminino	42	25	17
Saldo geral	755	517	238

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

Os dados acumulados (2011-2016) com recorte escolaridade apontam para uma inserção majoritariamente escolarizada. Das 755 contratações, 75,01% tinham ao menos o

ensino médio completo, sendo que este total é composto por: 55,65% com ensino médio completo; 3,97% com ensino superior incompleto; e, 16,42% com ensino superior completo.

Ao desagregarmos por sexo (tabela 3.4), podemos perceber que, nas relativas proporções, o nível de escolaridade das mulheres sírias contratadas entre 2011-2016 é mais elevado que o dos homens. 29% das mulheres admitidas neste período de tempo tinham o ensino superior completo, 6% o ensino superior incompleto e 48% o ensino médio completo.

Nos níveis de escolaridade mais baixos, enquanto os homens com ensino fundamental incompleto são 6% do total equivalente, nas mulheres são 3%; ensino fundamental completo representam 11% no total de homens contratados, enquanto as mulheres são 8% do total; já na categoria médio incompleto, do total de homens sírios admitidos no mercado de trabalho formal, 8% se encaixam nesta categoria, já em relação às mulheres, temos 6% do total equivalente. Apenas os homens pontuaram na categoria *analfabetos*.

3.3 - Movimentação acumulada de trabalhadores sírios, segundo nível de escolaridade, Brasil, acumulado: 2011-2016

	Admissões	Demissões	Saldo
Analfabeto	3	3	0
Fundamental incompleto	39	30	9
Fundamental completo	79	58	21
Médio incompleto	60	37	23
Médio completo	420	302	118
Superior incompleto	30	18	12
Superior completo	124	69	55
Saldo Geral	755	517	238

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

3.4 - Movimentação acumulada de trabalhadores sírios, por nível de escolaridade, segundo sexo, Brasil, 2011-2016

Admissões	Total admissões	Demissões	Total demissões	Saldo
				o

	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	s	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>		
Analfabeto	3		3	3		3	0
Fundamenta I incompleto	36	3	39	27	3	30	9
Fundamenta I completo	70	9	79	52	6	58	21
Médio incompleto	54	6	60	35	2	37	23
Médio completo	368	5 2	420	266	36	302	118
Superior incompleto	23	7	30	15	3	18	12
Superior completo	93	3 1	124	53	16	69	55
Saldo geral	647	1 0 8	755	451	66	517	238

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

Dentre as principais ocupações desempenhadas por trabalhadores sírios, *Cozinheiro geral* foi a que obteve melhor movimentação no período analisado. O dado vai de encontro a informação do crescimento da culinária árabe e a absorção da mão-de-obra refugiada no desempenho desta função⁷. *Abatedor, Auxiliar de escritório, vendedor de comércio varejista e alimentador de linha de produção* aparecem na sequência, despontando com os principais índices de contratações.

Ao desmembrar a categoria *ocupação* por sexo, vemos que a ocupação com mais sírias empregadas para desempenhá-la é *auxiliar de escritório*. Já os homens sírios seguem a tendência geral, e a ocupação com maior número de admissões é *cozinheiro geral*.

⁷ “Para refugiados sírios a comida é um recomeço”, por Camila Almeida: 12 de agosto de 2017: Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/pme/para-refugiados-sirios-a-comida-e-um-recomeco/>>. Acessado em 03/12/2017.

As principais ocupações desempenhadas por mulheres sírias no mercado de trabalho formal brasileiro são: *Auxiliar de escritório, cozinheira geral, vendedora de comércio varejista, farmacêutica e auxiliar nos serviços de alimentação*. Quantos aos homens: *cozinheiro geral, abatedor, auxiliar de escritório, vendedor de comércio varejista e alimentador de linha de produção*.

3.5 - Movimentação acumulada de trabalhadores sírios, segundo ocupação, Brasil, 2011-2016

	Admissões	Demissões	Saldo
Cozinheiro geral	62	40	22
Abatedor	40	28	12
Auxiliar de escritório	36	15	21
Vendedor de comércio varejista	33	26	7
Alimentador de linha de produção	29	17	12
Atendente de lanchonete	28	21	7
Auxiliar nos serviços de alimentação	28	21	7
Repositor de mercadorias	28	19	9
Faxineiro	20	13	7
Assistente administrativo	18	7	11
Almoxarife	17	15	2
Outros	416	295	121
Saldo Geral	755	517	238

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

3.6 - Movimentação acumulada de trabalhadoras sírias, segundo ocupação, Brasil, 2011-2016

	Admissões	Demissões	Saldo
Auxiliar de escritório	10	2	8
Cozinheira geral	7	2	5

Vendedora de comércio varejista	7	8	-1
Farmacêutica	6	5	1
Auxiliar nos serviços de alimentação	6	3	3
Faxineira	6	4	2
Assistente administrativo	5	2	3
Repositora de mercadorias	5	2	3
Operadora de caixa	4	1	3
Atendente de lanchonete	4	1	3
Recepcionista, em geral	3	3	0
Outros	45	33	12
Total Geral	108	66	42

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

3.7 - Movimentação acumulada de trabalhadores sírios (homens), segundo ocupação, Brasil, 2011-2016

	Admissões	Demissões	Saldo
Cozinheiro geral	55	38	17
Abatedor	40	28	12
Auxiliar de escritório	26	13	13
Vendedor de comércio varejista	26	18	8
Alimentador de linha de produção	26	17	9
Atendente de lanchonete	24	20	4
Repositor de mercadorias	23	17	6
Auxiliar nos serviços de alimentação	22	18	4
Almoxarife	16	15	1
Faxineiro	14	9	5

Assistente administrativo	13	5	8
Outros	362	253	109
Saldo Geral	647	451	196

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

Nas tabelas 3.8 e 3.9, cruzamos as informações de ocupações desempenhadas com o grau de instrução na hora da contratação, tanto para homens quanto para mulheres. Um detalhe a ser pontuado ao compararmos as informações de ambos os sexos é que no caso dos homens há uma frequência maior de indivíduos com grau de instrução mais elevado desempenhando funções que não necessariamente necessitam de uma formação superior, enquanto os dados das mulheres nos mostram uma coerência mais palpável entre formação e ocupação desempenhada.

Ao se incorporar no mercado de trabalho em uma posição inferior ao seu grau de especialização e formação, ocorre o que Cavalcanti (2015) descreve como inconsistência de status. Resgatando Sayad (2001), Cavalcanti pondera que independente de ter ou não uma formação elevada, socialmente o imigrante será considerado um trabalhador sem qualificação, tendo em vista que o imigrante só passa a existir para o estado nacional quando atravessa suas fronteiras, ou seja, todo um passado é apagado, o que inclui a formação intelectual e profissional do indivíduo.

Todavia, por “melhores” que os as informações extraídas sobre a inserção das mulheres sírias no mercado de trabalho formal brasileiro possam parecer, não se pode ignorar o fato de que apenas uma parcela pequena desta população consegue de fato uma incorporação na economia formal. Segundo Dutra (2013), as condições de gênero, etnia e classe ao se entrelaçarem enfatizam a vulnerabilidade social na qual as mulheres migrantes são alocadas pela concentração delas no mercado de trabalho informal.

Contudo, as ocupações desempenhadas pelos imigrantes das principais nacionalidades no mercado de trabalho formal brasileiro, como por exemplo, haitianos, denotam a associação da mão-de-obra imigrante aos denominados “subempregos”, enquanto no caso dos sírios, por mais que existem exceções, as principais ocupações tendem a se concentrar em níveis mais elevados numa hierarquização de ocupações dentro da economia formal. Segundo Vilela et. Al (2015), para detectarmos o impacto de um grupo étnico-racial sobre a participação e o

status ocupacional de todos os trabalhadores no mercado, existem fatores a serem controlados e evidenciados. De acordo com Vilela (2011), o status de imigrante aliado a origem étnico-nacional, se torna um relevante elemento para compreender a situação dos indivíduos no mercado de trabalho. Segundo a autora, a origem étnica/nacional do imigrante acarreta em um impacto negativo sobre a condição econômica do indivíduo, sendo que o impacto negativo de cor/raça seria mais forte do que o de grupos étnicos/nacionais. Acreditamos que raça seria um destes fatores apontados por Vilela, que vão delimitar o status ocupacional de trabalhadores imigrantes. Porém, destacamos que está é uma variável a ser aprofundada e analisada com maior precisão em um trabalho futuro, tendo aqui apenas um levantamento de hipótese que precisa vir a ser comprovada.

3.8 - Admissões de imigrantes sírios homens, segundo ocupação, por grau de instrução, Brasil, 2011-2016

	Analfa beto	Fundam ental incompl eto	Fundam ental complet o	Médio incomp leto	Médi o compl eto	Superi or incomp leto	Super ior compl eto	Tot al
Cozinheiro geral		4	7	5	34		5	55
Abatedor		8	14	12	6			40
Auxiliar de escritório				2	16	1	7	26
Vendedor de comércio varejista				3	18	3	2	26
Alimentador de linha de produção		3	1		21		1	26
Atendente de lanchonete	1	1	2	2	17	1		24
Repositor de mercadorias			1	1	17	1	3	23
Auxiliar nos serviços de alimentação	1		3	3	14	1		22
Almoxarife		1	1	4	9	1		16
Faxineiro		2	2		4	2	4	14

Assistente administrativo	1	1	1	8		2	13
----------------------------------	---	---	---	---	--	---	----

Outros	-	-	-	-	-	-	36 2
---------------	---	---	---	---	---	---	---------

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

3.9 - Admissões de imigrantes sírias mulheres, segundo ocupação, por grau de instrução, Brasil, 2011-2016

	Analfa beto	Fundam ental incompl eto	Fundam ental complet o	Médio incomp leto	Médi o compl eto	Superi or incomp leto	Super ior compl eto	Tot al
Auxiliar de escritório					6	2	2	10
Cozinheira geral			1	1	4		1	7
Vendedora de comércio varejista			1	1	4		1	7
Farmacêutica							6	6
Auxiliar nos serviços de alimentação					6			6
Faxineira			2		4			6
Assistente administrativo							5	5
Repositora de mercadorias				1	4			5
Operadora de caixa			1		2	1		4
Atendente de lanchonete				2	2			4
Recepcionista, em geral					1		2	3
Outros	-	-	-	-	-	-	-	45

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

O valor encontrado para mediana salarial dos trabalhadores imigrantes sírios no momento da admissão foi de R\$ 1.079,00. Desagregando por sexo, a mediana para as

mulheres seria de R\$1.099,00, valor superior que a mediana geral, enquanto a mediana no caso dos homens é de R\$1.073,00.

O Estado de São Paulo concentrou a maior quantidade de sírios absorvidos no mercado de trabalho formal. Em seguida temos Minas Gerais, acompanhado do estado de Santa Catarina.

3.10 Movimentação acumulada de imigrantes sírios, segundo UF, Brasil, 2011-2016

	Admissões	Demissões	Saldo
AC	3	1	2
AM	3	2	1
BA	6	3	3
CE	5	4	1
DF	45	31	14
ES	51	39	12
GO	23	14	9
MG	123	89	34
MS	11	8	3
MT	6	5	1
PA	6	6	0
PE	3	3	0
PR	76	53	23
RJ	34	26	8
RR	4	3	1
RS	20	12	8
SC	84	66	18
SE	1		1

SP	142	87	55
(vazio)	109	65	44
Total Geral	755	517	238

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED.

Capítulo 4: Migração síria contemporânea em contexto urbano: Integração sociocultural

4.1 – Introdução ao capítulo

O objetivo deste capítulo é abordar a integração da recente imigração síria para o Brasil através de um recorte mais qualitativo. Para isso, realizamos entrevistas semiestruturadas em duas grandes cidades brasileiras: Belo Horizonte – MG e Brasília – DF. As entrevistas foram feitas no período de abril a novembro de 2017. As informações obtidas na capital mineira foram coletadas, e gentilmente cedidas para nós, pela professora Elaine Vilela, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao todo foram feitas nove entrevistas, sendo quatro em Brasília e cinco em Belo Horizonte. Dos entrevistados residentes na cidade de Brasília, 3 eram homens e apenas uma mulher. Já na cidade de Belo Horizonte, participaram duas mulheres e três homens. A idade dos entrevistados, em geral, varia de 15 a 44 anos. O estado civil dos participantes variou entre quatro casados (dois homens e duas mulheres), e cinco solteiros (quatro homens e uma mulher).

O campo de investigação é sempre um desafio. Imergir em um lugar desconhecido, sem saber ao certo o que buscar, e o que se vai encontrar, faz do trabalho de campo uma grata experiência, que nem sempre tem como resultado aquilo que esperamos ou que imaginamos que seja o correto. De acordo com o Araujo *et. Al* (2016), a troca que é estabelecida entre entrevistador e entrevistado demanda uma atitude de estar aberto ao novo e desconhecido, sendo necessário ir muito além do domínio das técnicas de pesquisa. Torna-se necessário um processo de flexibilização do nosso conhecimento para que possamos entender a *verdade* contida no conhecimento que nos é dado pelo o *outro*.

“O campo de pesquisa foi desenvolvido inspirado no conceito de *ob portus*. Por se tratar de uma atividade investigativa, não partimos a campo sabendo exatamente aonde chegaríamos, ou seja, com conclusões previamente elaboradas. Antes, abrimos nossas velas para cada vento, e ao abri-las foi possível navegar no ofício de investigar em direção ao lugar seguro, este lugar na pesquisa foi a descoberta.” (ARAUJO *et. Al*, 2016, p.10)

Sendo assim, neste capítulo buscamos identificar de que forma acontece a integração destes sírios entrevistados, partindo desde a escolha do Brasil como destino e perpassando por questões como domínio da língua, uso da cidade e consumo cultural.

4.2 - ... a (re) inserção: Uma breve revisão teórica

Ao adentrarem na sociedade de destino, os migrantes se deparam com um sistema estrutural já existente, fazendo com que haja uma necessidade de auto adaptação, ou melhor definindo, o migrante passa por um processo de adequação do seu modo de vida ao modo de vida da sociedade receptora. Segundo Schoorl (2005), o alinhamento do migrante a cultura receptora, a busca em se juntar ao tecido sociocultural da sociedade de destino, seria o componente central do que se denomina processo de integração.

Três modelos de integração têm se destacada em estudos relacionados a este processo: *assimilacionismo, melting pot e multiculturalismo*. Enquanto o primeiro refere-se a busca pela homogeneização de grupos étnicos; o segundo tem a busca unificar uma sociedade, fundindo várias culturas em uma só; o último modelo visa promover a heterogeneidade cultural presente em uma sociedade (GODENAU, 2014, p.20-24).

De acordo com Smith e Bond (1999), quanto menor for a distância cultural entre o país de origem do imigrante e o de destino, menos esforço este terá que desempenhar para se adaptar à nova cultura, e conseqüentemente menos tensa será a inserção do indivíduo. Entretanto, frisa os autores, o processo de integração não recai exclusivamente nas ações dos imigrantes. Fatores como xenofobia e preconceito, aliados as pré-noções formadas pelos indivíduos da sociedade de destino a respeito da cultura do imigrante vão interferir diretamente nas relações firmadas entre ambos.

O conhecimento da língua do país de acolhimento torna-se um importante instrumento de inserção na sociedade receptora. A dificuldade em dominá-la impediria o imigrante de aprofundar os valores e significados da cultura receptora, tornando superficial a relação construída com as pessoas até mesmo os símbolos ao redor (ALAMINOS E SANTACREU, 2011, p.28-30). De acordo com Barbosa e Bernardo (2016), o aprendizado da língua do país de destino beneficia tanto a inclusão social quanto profissional dos imigrantes, propiciando maior oportunidades mais igualitárias.

Segundo Basabe *et. Al* (2004), o contato do imigrante com a cultura do país de destino institivamente tende a provocar alterações em sua identidade cultural. Atitudes biculturais tornam-se recorrentes nestes indivíduos, sendo utilizadas inclusive, como estratégias de adaptação.

Salientamos também a importância de situar a localidade onde se encontram estes imigrantes, os grandes centros urbanos. As cidades compõem os estudos sociais desde os primórdios da sociologia, ganham destaque nas reflexões de Georg Simmel e se tornam objeto e disciplina a partir das pesquisas desenvolvidas pela denominada Escola de Chicago. O espaço urbano possui características próprias que vão influenciar diretamente no processo de integração, marcando de forma específica a experiência migratória. As cidades, mais do que estruturas físicas, são também organizações sociais passíveis de serem modificadas e produzidas pelas pessoas, e, por tanto, participam dos sentidos produzidos por seus habitantes sobre os significados de *ser* e *estar* nesses espaços.

Portanto, a partir de agora procuraremos nas entrevistas elementos que nos ajudem a identificar e entender qual o significado que estes migrantes atribuem ao processo de integração vivenciado.

4.2 - Por que o Brasil?

Existem fatores intimamente ligados a um país que o torna atrativo ou não para um migrante escolhe-lo como destino de seu projeto migratório. Em 1885, Ravenstein ao escrever sobre as leis das migrações, explicita que no processo migratório existe um agente racional (o migrante), que coleta informações tanto a respeito da região de origem quanto a de destino, e com os dados coletados analisa sua situação, optando por migrar ou não. Os estudos posteriores que apresentaram os modelos de atração-repulsão tiveram o trabalho de Ravenstein como base para suas formulações (OLIVEIRA et.al, 2017, p. 75).

De acordo com Triandafyllidou (2017), os fluxos migratórios seriam gerados a partir da interação entre os agentes (migrantes) e as condições estruturais (políticas públicas), e não somente por motivações de um outro. A decisão de emigrar de um indivíduo é instigada por uma combinação de fatores, que dependendo dos recursos econômicos e das oportunidades acessíveis, vão influenciar diretamente nas opções migratórias.

Segundo Oliveira et.al (2017), os imigrantes, na posição de atores sociais, são capazes de refletir acerca da sua posição, traçando estratégias que guiem suas ações, cuja meta é a realização de seus desejos e objetivos. De acordo com os autores, independente do contexto de saída (migração voluntária ou forçada), os indivíduos tendem a ser racionais nas tomadas de decisões, avaliando os recursos e oportunidades na qual dispõem antes de se deslocarem.

Somente quando há risco de vida eminente, a reflexão é deixada de lado em prol de uma escolha mais rápida.

É certo que as políticas dos Estados, relacionadas a receber e acolher refugiados e imigrantes vão influir diretamente no modo os imigrantes enxergam o local, ou seja, com possível potencial de destino ou não. A União Europeia ao promover sanções econômicas, políticas e sociais visando o fechamento das fronteiras induzem os migrantes (sejam eles forçados ou voluntários) a refletirem sobre os trajetos a serem tomados, levando-os assim a avaliarem novas possibilidades. Caminhando na outra via, o Brasil funciona como um local de atração devido aos regulamentos normativos emitidos que buscam facilitar a emissão de vistos para refugiados sírios no país:

“quando saio, só Brasil dá pra mim visto. Líbano só o de 24 horas.” (Samir, 42 anos, Brasília)

“O Brasil era o único país que abriu as portas para os refugiado entrar[...]” (Omar, 37 anos, Belo Horizonte)

“[escolhemos] aqui, tipo, é muito bom! Não é igual Europa, o Brasil ajuda muito.” (Laila, 22 anos, Belo Horizonte)

4.2 - Migrações forçadas? O ser (*verb.*) refugiado no Brasil

Segundo Oliveira et al (2017), há um debate recente em torno da conceituação e diferenciação entre migrações *voluntárias* e migrações *forçadas*. De acordo com os autores, existem casos onde aqueles denominados migrantes *voluntários* sentem-se bastante pressionados a migrar, seja devido a situação de pobreza ou outros fatores que os rodeia, enquanto os migrantes *forçados* em algumas situações buscam refletir melhor em todas as opções que lhes são apresentadas, não ignorando uma busca por melhoria econômica.

“Muitos dos migrantes “econômicos”, aparentemente voluntários e proativos, são forçados a abandonar seus países devido a situações de carência econômica severa, privação extrema ou degradação ambiental crescente. Muitos dos refugiados, aparentemente forçados e reativos, desistem voluntariamente de viver no país de origem ou nos países de primeiro asilo, devido à falta de condições em campos de refugiados ou à dificuldade de encontrar trabalho e/ou ter acesso à educação..” (OLIVEIRA et. Al, 2017, p.77)

Conforme trabalha Triandafyllidou (2017), a diferenciação muitas vezes imposta entre categorias como *migrantes econômicos* e *refugiados* dificulta uma operacionalização maior

do termo, que segundo a autora acabam se sobrepondo. Segundo a autora, os conceitos recentes não dão conta de atender as múltiplas realidades existentes, onde indivíduos com necessidade de proteção optam por não solicitar o refúgio, enquanto migrantes econômicos fazem opção pela entrada através da solicitação de refúgio. Muitas vezes a solicitação de refúgio é adotada como estratégia para a entrada em território estrangeiro.

Queremos pontuar então, que a guerra civil pode não ter sido o principal fator que levou os nacionais da síria a emigrarem de seu país, havendo outros anseios e motivações já existentes, que ganharam forças, contornos e possibilidades de se tornarem factíveis, inclusive pela perspectiva de visto facilitado em alguns países.

“Na verdade... antes da guerra da Síria eu tava pensando em sair do país pra melhorar a minha vida” (Omar, 37 anos, Belo Horizonte)

De forma geral, ao serem indagados sobre o status de refugiados e se isto lhes confere alguma dificuldade ou facilitação, todos os entrevistados afirmaram não terem tido nenhum problema em relação a isto.

“É só o nome, por não ajuda em nada” (Nádia, 44 anos, Brasília)

Entretanto, alguns entrevistados pontuam problemas burocráticos do Estado que os afetam diretamente:

“No Brasil não há um plano de trabalho, isso é uma falha. Tem um sistema para pedir refúgio no Brasil, mas não tem apoio [...] no meu caso eu consigo se virar, consigo fazer qualquer coisa pra conseguir. Quem tem família não consegue, ele tem crianças, é mais difícil ainda. O governo dá a documentação mas não ajuda.” (Said, 29 anos, Brasília)

“Aqui não sabe bem o que é refúgio. No tem muito conhecimento e não tem como ajuda muito.” (Samir, 42 anos, Brasília)

Torna importante ressaltar que a realidade brasileira nos casos de refúgio não é uma realidade a ser considerada padrão. Em muitos lugares, há predominância dos campos de refugiados, e são estes que acabam ganhando notoriedade e atenção, tanto nos discursos políticos quanto na mídia internacional, enquanto muitas vezes os denominados refugiados urbanos (*urban refugee*) são invisibilizados. Porém, no Brasil a ausência de campo de refugiados fez com que houvessem apenas os refugiados urbanos, sendo desenvolvido todo

um trabalho voltado para esta categoria, e então, como componentes deste local de socialização, transformam e são transformados constantemente por ele.

4.2 – Cenário ou atuante? O papel das cidades de Brasília e Belo Horizonte na inserção destes migrantes

As diferenciações sociais produzidas pelas cidades colocam o indivíduo como centro das interações sociais, e é daí que as formas de marginalidade vão ganhar importância, assim como as figuras associadas a ela, como o pobre e o estrangeiro (NUNES e CAVALCANTI, 2014). Para Simmel, o estrangeiro seria aquele indivíduo que chega a um grupo distinto e ali se fixa, e mesmo que não volte a locomover-se, não domina por completo a autonomia do ir e vir. Ao não criar raízes, devido a constante presença da liberdade de mover-se, Simmel aponta que os estrangeiros assumem interações frágeis, supérfluas e distantes.

“até tenho uma relação boa com a vizinha, mas não tenho tempo para visitar ninguém, nem participar de festas”
(Nadia, 44 anos, Brasília)

Nunes e Cavalcanti (2014) apontam para a proximidade deste indivíduo para outro tipo também formulado por Simmel, o indivíduo blasé. Ao fixar-se num grupo, com limites espaciais definidos, a sua posição neste grupo passa a ser determinada pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, introduzindo características que não tiveram origem naquele grupo. Há então uma ambiguidade de pertencimento, um fluxo exterior/interior. “[...] *a distância nas relações significa que o próximo está remoto, e o ser estrangeiro ou estranho, contudo, seria aquele que se encontra mais perto do distante*” (SIMMEL, 2005, p. 265).

“no, no. Eu não quero muito contato. Porque eu não nasci aqui, não conheço. Lá na Síria mesmo que eu não conhecesse a pessoa direito, eu nasci lá e sei o caráter” (Said, 29 anos, Brasília)

As cidades seriam marcadas por serem constituídas por uma sociedade heterogênea tanto no modo de vida, quanto em sua gênese. O estrangeiro nas cidades estaria próximo fisicamente, mesmo que esta proximidade espacial se desdobre em distância social. De acordo com Dutra (2013), Robert E. Park, um dos autores da denominada Escola de Chicago, vai perceber as cidades como um espaço onde o encontro de diversas culturas – com seus conflitos, (des)ordem e competição – propicia o avanço e desenvolvimento da sociedade.

“Brasília, como Brasil, é um lugar diferente dos outros lugares. É um povo misturado, descendentes de várias nações [...] Eu ando na rua e ninguém percebe que eu sou estrangeiro” (Said, 29 anos, Brasília)

Segundo Wirth (1956), a existência de diversas culturas, que trazem consigo modos de vida diferenciados, acabam por trazerem à tona a indiferença e a intolerância, o que denota ao espaço urbano ser um lugar marcado por violentos contrastes.

“[me chamam de] homem bomba. Mas é brincadeira. Eu já entendi. É que eles não sabem” (Omar, 37 anos, Belo Horizonte)

A distribuição populacional, segundo Park, seguiria uma tendência imobiliária para organização física. As áreas mais vantajosas seriam mais valorizadas imobiliariamente, sendo as menos vantajosas mais populosas e desvalorizadas. No caso de Brasília, segundo Coelho (2008), os problemas em relação a segmentação assim como fragmentação social parecem ainda mais alarmantes se comparados a outros centros urbanos. A característica de ser planejada provocou a exclusão das classes populares do centro da cidade.

“Com certeza o refugiado não vai conseguir morar no centro da cidade, ele vai morar no subúrbio que é mais barato.” (Said, 29 anos, Brasília)

Surge a segregação, que desdobrará no conceito de vizinhança. É necessária a partilha de sentimentos comuns entre os habitantes de um determinado espaço para que possa ser chamado de vizinhança.

“Não tenho muito contato com vizinho não. Aqui é diferente da Síria, na Síria é como se fosse todo mundo família [...] aqui é estranho [...] prefiro manter assim, cada um na sua” (Omar, 37 anos, Belo Horizonte).

“só cumprimento [meus vizinhos]. Não tenho relação de confiança, não vou me abrir com qualquer pessoa aqui no Brasil.” (Said, 29 anos, Brasília).

Segundo Coelho (2008), a cidade de Brasília, com suas características de cidade planejada, moderna e administrativa sempre suscitou uma certa estranheza para aqueles provenientes de outras localidades. O aspecto moderno da cidade representar uma novidade para os recém-chegados, por outro lado, a sensação de frieza, de artificialidade e de impessoalidade era muitas vezes acompanhada por um sentimento de estranheza e de não identificação, que originaria dificuldades de adaptação.

“Isso não é capital. Isso é cidade pequena, muito pequena. Não tem supermercado 24 horas, não funciona nada a noite [...] São Paulo é a parente de Damasco, ruas grandes, comércio grande. Uma rua de Damasco é Brasília” (Samir, 42 anos, Brasília)

“Brasília é uma cidade larga, você não consegue sem carro. Se for de ônibus talvez não consegue voltar pra casa, muito difícil transporte. Tudo muito longe um do outro [...] Muitas pessoas migrantes não conseguem ler o ônibus e aí não conseguem ir de um lugar ao outro. Damasco os lugares são próximos. Do centro de Damasco da pra fazer tudo a pé.”

“Estranhei muito quando cheguei, tudo diferente. A pouco tempo aprendi supermercado 10 horas fechado. Quando eu cheguei muito difícil, principalmente porque não sabia falar o português nem entender. Na Síria funciona de noite até de manhã. No início foi difícil. Mas não é problema.” (Nadia, 44 anos, Brasília)

4.2 – Entre lá e aqui: “O indivíduo marginal e o hibridismo cultural”

Através da experiência do judeu, que vai se deslocar do gueto para participar na vida da cidade, onde trabalha ou estuda, Park desenvolve um novo conceito, o “homem marginal”, que sofreria de um hibridismo cultural, pois acaba por participar de forma simultânea de duas tradições culturais distintas. Dentro deste sentido, poderíamos associar o imigrante a este indivíduo marginal, que vai tentar se integrar na vida econômica e cultural desta nova sociedade. Devido a preconceitos raciais, de classe e gênero, muitas vezes esta integração não será possível. (DUTRA, 2013). O homem marginal seria praticamente uma transição entre a adaptação e a assimilação. O indivíduo não está mais no seu grupo cultural de origem e passa a viver dividido entre dois mundos, e vive em conflito psicológico entre estes diversos mundos sociais, em que esta intensidade varia segundo as situações individuais.

“Eu já me adotei ao jeito de falar o português daqui. Isso eu incorporei daqui. Os hábitos são a mesma coisa [...] Ouço música oriental clássica e vejo canais sírios. Do Brasil, só tomar café com açúcar” (Said, 29 anos, Brasília)

Segundo Park (1928), assimilação seria o processo em que grupos de indivíduos participam do funcionamento de uma cidade, sem perder suas peculiaridades. A assimilação é efetivada ao se adotar o uso de uma língua única, de tradições e técnicas comumente compartilhadas. De acordo com Barbosa e Bernardo (2016), a apropriação da língua do país de acolhimento não é somente um fim em si, mas um meio de integração para o imigrante. De acordo com Thomas e Znaniecki (1918), a assimilação antes de mais nada, é um processo

psicológico, e somente será completa quando o imigrante demonstrar interesse pelos mesmos objetos que o nativo do país de destino, ou seja, quando possuir o domínio natural do grupo. A assimilação, segundo Thomas Znaniecki (1918), seria favorecida quando o indivíduo fosse incentivado a falar e ler em sua língua nativa.

“Não conhecia o português. Quando cheguei sabia o inglês, mas ninguém falava. Tive que aprender o português. Foi muito difícil.” (Samir, 42 anos, Brasília)

“Fiz um curso para aprender português. Precisava achar emprego.” (Nadia, 44 anos, Brasília)

“Minha primeira dificuldade foi a língua [...] Assisti vídeos do Youtube pra começar a aprender o português do Brasil. No início eu procurava quem falava inglês.” (Said, 29 anos, Brasília)

Ainda em conformidade com Barbosa e Bernardo (2016), de forma geral, os nacionais do Brasil não falam outros idiomas e, talvez por isso, sentem-se inseguros/as em tentar se comunicar com estrangeiros/as.

“Quando cheguei sabia o inglês, mas ninguém falava.” (Samir, 42 anos, Brasília)

“Aqui não tem nem inglês, só português. Tem que aprender” (Caled, 20 anos, Belo Horizonte)

O imigrante - ou para dar continuidade ao termo, o “homem marginal” - é o indivíduo que ao romper com a cultura de origem, vive um processo – em contínuo gerúndio - de aculturação, construindo para si uma nova identidade. Wirth (1956) define aculturação como um ciclo de relações étnicas e raciais. O gueto seria uma fase transitória deste ciclo, cujo destino final levaria a assimilação.

“[gosto de]árabe, mas agora eu gosto de música brasileira. Maraia e Maraisa” (Safira, 33 anos, Belo Horizonte)

“Na Síria não podia ter cachorro, aqui no Brasil eu já tenho um em me casa. São as coisas que vão mudando.” (Samir, 42 anos, Brasília)

“Assisto Globo. Tem um programa também sobre brincadeira que assisto demais, mas no lembro nome. Domingo a noite.” (Caled, 20 anos, Belo Horizonte)

“Aqui eu tenho que estudar com meninas, na Síria é separado. Prefiro separado [...] Falar português, preciso fazer aqui.” (Zayn, 15 anos, Belo Horizonte)

Franklin Fraizer (1932) se propõe a postular uma distinção entre os conceitos de aculturação e assimilação. Segundo autor, aculturação seria quando o indivíduo adquire a cultura do grupo, enquanto assimilação engloba aculturação, porém antes de mais ainda precisa haver uma identificação completa do indivíduo ao grupo.

Pauline Young (1932), ao estudar os migrantes russos na Califórnia percebe três tipos distintos dentro o coletivo. Os primeiros seriam os anciãos nascidos na Rússia, que ainda preservam ritos e a língua de origem. Depois são aqueles que apresentam características do modo de vida americano, mas que ainda preservam algumas tradições russas. Por fim, teriam aqueles descendentes que já nasceram nos Estados Unidos, e conhecem a Rússia apenas de ouvir falar. As tradições seriam “causos”. Segundo Young, estes seriam considerados como culturalmente híbridos.

“No café de manhã árabe é coalhada, mel manteiga, queijo branco. Minhas criança todo dia precisa de bolo, pão de queijo, pão francês. Eu não gosto, vive 30 anos comendo isso. É tradição. Mas tem que por na mesa eles gostam. Também só falam português, e assistem desenhos do Brasil.” (Samir, 42 anos, Brasília)

“Porque minha filha na escola acostuma com arroz, feijão, pão de queijo, essas coisas e quer. E eu acho depois que terei que acostumar com as coisas brasileiras.” (Safira, 33 anos, Belo Horizonte)

Capítulo 5: Considerações Finais

O Brasil já foi, e voltou a ser o destino de muitos sírios. As condições que os levaram a sair de seu país de origem podem em algum momento se entrelaçar. Para muitos, o ato de migrar não era uma escolha, enquanto para outros uma oportunidade de realização.

Buscamos no início deste trabalho apresentar uma contextualização histórica do movimento migratório sírio para o Brasil no final do século XIX e início do século XX. Em meio a conflitos e perseguições na qual muitos habitantes da região eram submetidos pelo Império Otomano, a possibilidade de recomeçar a vida em outro território atraiu milhares de sírios que embarcaram em navegações rumo a terras cujo conhecimento que tinham era apenas o oriundo da fala de parentes daqueles poucos que já tinham se arriscado a por aqui chegar.

Logo se enveredaram na prática do mascate, ofício na qual ficaram conhecidos. Não demorou e prosperaram, decidindo por fixarem raízes em centros urbanos, montando lojas no estilo armarinho, vende de tudo.

Está é uma marca da migração síria em território brasileiro, é uma migração notadamente urbana. As cidades fazem parte do processo de integração destes indivíduos desde o primeiro fluxo aqui chegar.

Os primeiros mascates que pisaram em terras tupiniquins não demoraram a mandar buscar os seus familiares, e logo navios atracaram no porto de Santos trazendo mulheres e crianças para junto de seus maridos e pais.

Perambulando entre os dois primeiros capítulos deste trabalho, podemos ver que a migração síria feminina é marcada pelo contexto de reunião familiar. Foi assim no início do século XX, e tem sido de forma expressiva no século XXI. Podemos ver que conflitos armados também marcaram com frequência o cotidiano dos que para lá do Oriente habitam.

Se com a Independência Síria, o país parece ter entrado no eixo, logo menos um novo conflito eclodiu. A Primavera Árabe, ou Primaveras Árabes, escancararam a insatisfação da população com os governos ditatórias da região. Bashar al-Assad, então presidente da Síria, não soube lidar com as pressões populares, reagindo com forte violência as manifestações. Se antes os protestos não tinham caráter de sectarismo, logo divisões começaram a aparecer. E a

violência que antes fazia parte apenas da Força de Segurança Síria, passa a ser utilizada também pelos manifestantes, antes pacíficos. Não demora muito e grupos pregando a queda do governo a qualquer custo tomam conta das ruas. É a insurreição armada de 2011.

A população mesmo não apoia nem o lado do regime, nem o lado dos manifestantes extremistas. E no meio do fogo cruzado, não encontram outra saída a não ser emigrar. Porém, após a Convenção das Nações Unidas de 1951, existe a possibilidade de pedir refúgio em outro país.

Sírios querendo poupar a sua vida e a vida de sua família, tentam a todo custo sair de suas terras e ganharem asilo em território estrangeiro. O resultado são os milhões de sírios espalhados pelo mundo, em cidades, vilarejos e campos de refúgio, esperando para reconstruir a vida. A Europa tem um forte fator de atração, que leva muitos a tentarem recomeçar a vida ali. Logo, a União Europeia atesta calamidade, e a migração síria ganha o status de crise. Na medida que se tem um forte fator de atração, agora também a Europa fortalece seu fator de repulsão. É necessário traçar novos planos, novas rotas. O Brasil surge como possível polo de atração. A Resolução Normativa CONARE Nº 17 de 20/09/2013, dentre outras medidas, facilita a emissão de vistos para nacionais sírios.

Os dados do Sincre apresentados no capítulo 2, nos mostra que após um início tímido, entre 2011 e 2016, 2.265 foram entraram no país. Os dados nos mostra que enquanto a maior parte dos homens entrava com visto para refugiados, grande parte das mulheres chegavam com visto referente a reunião familiar. Outro dado da série histórica, é que em primeiro iam chegando mais homens que mulheres, o que foi alterando ao longo dos anos. Contudo, as características da imigração síria acompanham a tendência em geral dos coletivos que chegam ao Brasil, cujo número de homens é notadamente maior que o de mulheres.

A concentração de entrada destes imigrantes se dá em São Paulo, estado com o maior aeroporto do país, e também, onde localiza-se a maior colônia sírio-libanesa do país.

Os dados do mercado de trabalho formal nos mostram uma dificuldade de inserção dos sírios na economia formal. As entrevistas nos ajuda a apontar como um dos fatores a dificuldade destes em dominar a língua, o que restringiria na hora da contratação.

Os dados ainda nos mostram uma clivagem por sexo, onde os homens têm maior movimentação no mercado de trabalho do que as mulheres. Segunda Dutra (2013), cabe as mulheres normalmente as funções do cuidado e da casa, sendo que estas na maior parte das vezes recaem na economia informal, não contabilizada pelos dados. Porém, as informações obtidas na base do Caged nos mostram uma maior facilidade das mulheres em desempenhar funções que condizem com seu nível de instrução.

Apontamos neste trabalho que comparado aos outros coletivos no mercado de trabalho formal brasileiro, os sírios são contratados para ocupações com status mais elevados. Acreditamos que um dos fatores que podem explicar este fato é o de raça, entretanto, destacamos que isto é elemento para investigações futuras.

A parte qualitativa deste trabalho nos ofereceu elementos para iniciar uma reflexão sobre o processo de integração destes sírios. Obviamente que não chegamos nem perto de esgotar as informações neste trabalho, e as aproveitaremos em trabalhos futuros.

O campo nos evidenciou a dificuldade na aprendizagem da língua, e como evidenciado no capítulo 4, o domínio da mesma é essencial para colocar os indivíduos em uma posição melhor nas relações de poder existentes na sociedade receptora. Seguindo um modelo assimilacionista, o estado brasileiro induz que o imigrante aproprie-se da cultura local para poder se integrar.

Pontuamos também como uma informação que merece ser aprofundada em trabalhos futuros a participação das crianças na integração e no processo de assimilação da cultura de destino. Percebemos que em casas com crianças, há um ponto maior de contato entre os imigrantes e a cultura do país receptor.

Identificamos também a ausência de ligação entre os entrevistados e as cidades que residem. Não tendo assim um ponto de interesse em conhecer a localidade em que reside e desfrutar do que dela podem extrair. Os momentos de lazeres são sempre relatados como escassos, e praticamente nas mesmas localidades: parque e shoppings.

Por fim, deste trabalho, salientamos a necessidade de se pensar políticas públicas que facilitem o acesso destes imigrantes a documentação e a informação. É necessário haver uma desburocratização do estado, na palavra dos entrevistados, que mais dificultam o acesso dos

imigrantes as informações do que facilitam. É necessário pensar em políticas de acolhimento eficazes que auxiliem estes imigrantes no processo de (re)inserção na sociedade de destino.

Salientamos novamente que este trabalho não termina aqui, pelo contrário, está apenas começando. Os dados aqui extraídos nos oferecem insumos para uma reflexão mais aprofundadas de temas aqui não abordados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2012, vol.20, n.2 [cited 2016-11-17], pp.451-470. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200006&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>.

ALAMINOS C. A & SANTACREU F. (2011) Oscar. La integración cultural y social en las migraciones intraeuropeas. *Revista Migraciones* (30) Págs. 13-42.

ARAUJO, D. et.Al. Notas metodológicas. In: CAVALCANTI, L. ; TONHATI, T. ; DUTRA, Delia ; ARAUJO, D. S. ; FERNANDES, N. V. E. ; MELO, V. C. C. ; OLIVEIRA, M. ; OLIVEIRA, A. T. ; BOTEGA, T. ; HANDERSON, J. ; DIAS, G. ; BARBOSA, L. M. A. ; BERNARDO, M. A. S. . A imigração haitiana no Brasil: características sócio-demográficas e laborais na Região Sul no Distrito Federal. 2016.

BARBOSA, L.; BERNARDO, M. A Importância da Língua na integração dos imigrantes haitianos. In:

BASABE, N., ZLOBINA, A. & PAEZ D. (2004). Integración sócio-cultural y adaptación psicológica de los inmigrantes extranjeros en el país Vasco. Vitoria-Gasteiz. Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco.

CAVALCANTI, L. ; TONHATI, T. ; DUTRA, Delia ; ARAUJO, D. S. ; FERNANDES, N. V. E. ; MELO, V. C. C. ; OLIVEIRA, M. ; OLIVEIRA, A. T. ; BOTEGA, T. ; HANDERSON, J. ; DIAS, G. ; BARBOSA, L. M. A. ; BERNARDO, M. A. S. . A imigração haitiana no Brasil: características sócio-demográficas e laborais na Região Sul no Distrito Federal. 2016.

CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. Sociologia das estatísticas: possibilidades de um novo campo de investigação. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 16, n. 4, p. 903-925, Dec. 2009. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000400004&lng=en&nrm=iso>.

CAMPOS, L. A GUERRA CIVIL NA SIRIA E SEUS REFUGIADOS: UMA REFLEXÃO SOBRE A ATUAÇÃO DO ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). Florianópolis. 2013.

CAVALCANTI, Leonardo; BRASIL, Emmanuel; DUTRA, Delia. A movimentação dos imigrantes no mercado de trabalho formal: admissões e demissões. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; ARAÚJO, D. A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2016. Brasília, DF: OBMigra, 2016, p.74-125.

CAVALCANTI, L.; BRASIL, E. . A movimentação dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro a partir do CAGED. Relatório Anual 2017. Série Migrações, v. 2, p. 87-124, 2017.

CAVALCANTI, Leonardo. Imigração e mercado de trabalho no Brasil: Características e tendências. Cadenos OBMigra. Revista Migrações Internacionais, v.1, n.2, 2015, p. 35-47.

COELHO, C. Utopias urbanas: o caso de Brasília e Vila Planalto. Cronos. Natal, v. 9, n. 1, p. 65-75, jan./jun. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>.

COSTA, Renata Parpolov. Uma história da Síria do século XXI para além do sectarismo religioso. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2016.tde-24082016-153949. Acesso em: 2017-12-08.

COULON, A. A Escola de Chicago. Campinas, SP: Papyrus, 1995

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DUTRA, Delia. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E TRABALHO DOMÉSTICO Mulheres peuanas em Brarsília. Brasília: CSEM; Sorocaba, SP: OJM, 2013, 352 p.

DUTRA, Delia; BRASIL, Emmanuel. “Mais Médicos” para o Brasil com olhar feminino. Migração temporária qualificada desde a perspectiva de médicas cubanas. Brasília: 2017, *no prelo*.

DUTRA, D. ; BRASIL, E. . Mulheres migrantes no Brasil. A movimentação no mercado formal de trabalho. Relatório Anual 2017. Série Migrações, v. 3, p. 125-170, 2017.

DUTRA, Delia. Marcas de uma origem e uma profissão: trabalhadoras domésticas peruanas em Brasília. Cad. CRH, Salvador , v. 28, n. 73, p. 181-197, Apr. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792015000100181&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792015000100012>

DUTRA, Delia. Status Social e Profissional. In: CAVALCANTI, L.; BOTEGA, T.; TONHATI T.; ARAÚJO, D.. (Org.). Dicionário crítico de migrações internacionais. 1ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017, v. 1, p. 662-664.

FRAIZER, E.F. The Negro family in Chicago. Chicago, University of Chicago Press, 1932, 194 p.

GODENAU D. et. Al. (2014). Integración de los inmigrantes en España: una propuesta de medición a escala regional. España. Observatorio permanente de la inmigración-Ministerio de Empleo y Seguridad Social.

HAJJAR, Babel. Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global. 2016. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-20122016-213406/>>. Acesso em: 2017-12-08.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Cad. Pesqui., São Paulo , v. 37, n. 132, p. 595-609, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>.

KNOWLTON, Clark S. Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial. São Paulo: ANHAMI, 1955.

MARTIN, Olivier. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). Rev. bras. Hist., São Paulo, v. 21, n. 41, p. 13-34, 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200002&lng=en&nrm=iso>.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.). Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003b. p.11-25.

NUNES, B. F.; CAVALCANTI, L. O imigrante e o direito à indiferença: algumas questões teóricas. In: Santin, Terezinha; Botega, Tuíla. (Org.). Vidas em trânsito: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana. 1ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, v.1, p. 135-159, 2014.

OGBURN, W. Social change: With respect to the culture and original nature, Nova York, B.W.Huebsch, 1922, 366p.

OIT, 2016. La migración laboral en América Latina y el Caribe. Diagnóstico, estrategia y líneas de trabajo de la OIT en la región. Lima: OIT, 2016. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/documents/publication/wcms_502766.pdf, Acesso em: junho, 2017.

OLIVEIRA, A. T. *et. Al.* O SISTEMA NACIONAL DE CADASTRAMENTO DE REGISTRO DE ESTRANGEIROS (SINCRES) E A MIGRAÇÃO REGULAR NO PAÍS. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia (Orgs.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Emprego/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015.

OLIVEIRA, A.T. Relacionamento e Complementariedade entre as fontes de dados sobre migrações internacionais: um estudo exploratório. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia (Orgs.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2015. Observatório das

Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Emprego/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2015.

OLIVEIRA, A. T. A inserção dos estrangeiros no mercado de trabalho formal: o que nos diz a RAIS? In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; ARAÚJO, D. A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2016. Brasília, DF: OBMigra, 2016, p.60-72.

OLIVEIRA, Catarina et. Al. A nova crise dos refugiados na Europa: o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. Rev. bras. estud. popul., São Paulo , v. 34, n. 1, p. 73-98, abr. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100073&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.20947/s0102-3098a0016>.

PARK, Robert Ezra. 1973 [1925] “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. Race and culture. Londres, Collier-Macmillan, 1950, 404pp.

_____. “Human migration and the marginal man”, American Journal of Sociology, 33, 1928,339-344 p.

SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. O Estrangeiro. In: In: SIMMEL, Sociologia. MORAES FILHO, E. (org).Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SCHOORL, J. (2005): «Information needs on stocks of migrants for research on integration». UNECE/Eurostat Seminar on Migration Statistics. Working Paper n.º 5 Rev. 1.

SMITH, P.B. & BOND, M.H. (1999). Social Psychology across cultures. London: Prentice Hall.

THOMAS, William I.; ZNANIECKI, Florian. El Campesino Polaco en

Europa y en América. Madri: Boletim Oficial del Estado/Centro de

Investigaciones Sociológicas, 2004. 422 pp.

TRIANDAFYLLIDOU, A. Beyond irregular migration governance: zooming in on migrants' agency. *European Journal of Migration and Law*, n. 9, p. 1-11, 2017.

TRUZZI, Oswaldo. De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. In: *Série Imigração*, IDESP, São Paulo: Sumaré, 1991.

_____, Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____, Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: BORIS, Fausto (org.) *Fazer América*. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 1999.

VILELA, E. M. (2002), *Sírios e libaneses e o fenômeno étnico: manipulações de identidades*. Belo Horizonte, dissertação de mestrado, UFMG.

VILELA, Elaine Meire; COLLARES, Ana Cristina Murta; NORONHA, Cláudia Lima Ayer de. Migrações e trabalho no Brasil: fatores étnico-nacionais e raciais. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 19-42, Feb. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092015000100019&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.17666/308719-39/2015>.

WIRTH, Louis. 1956. *The Ghetto*. Chicago: University of Chicago.

_____. 1973 [1938]. "O urbanismo como modo de vida". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores

YOUNG, P. T. *The pilgrims of russian-town*, Nova York, Russell & Russell. 1932, 296 p.

ZAHREDDINE, Danny. A Crise na Síria (2011-2013): Uma Análise Multifatorial. *Revista. Conjuntura Austral*. Vol. 4, nº. 20. Out.Nov 2013.